

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

CLEONE SILVA DOS SANTOS

**LOUCURA FEMININA E PRISÃO EM *ALIAS GRACE*: DISCUTINDO A
RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA**

TERESINA

2017

CLEONE SILVA DOS SANTOS

**LOUCURA FEMININA E PRISÃO EM *ALIAS GRACE*: DISCUTINDO A
RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação apresentado à
Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Inglês, sob a
orientação da Professora Dra. Maria do Socorro Baptista.

TERESINA

2017

CLEONE SILVA DOS SANTOS

**LOUCURA FEMININA E PRISÃO EM *ALIAS GRACE*: DISCUTINDO A
RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA**

PROJETO APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. XXXXX - Presidente

Prof. Dr. XXX - Membro

Prof. Ms. XXX – Membro

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Iracelma Pereira e João Barbosa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter me dado força para chegar até aqui. Pois foram muitos os obstáculos, mas Ele nunca me deixou cair.

Agradeço de coração a minha mãe e tio (pai), que apesar das adversidades da vida, travaram batalhas diárias de modo a criarem as circunstâncias favoráveis para que eu meus irmãos pudéssemos terminar os nossos estudos. “Estuda, porque a única coisa que tua mãe pode te dar é o estudo.” Amo vocês!

Obrigado ao meu irmão Fábio Silva, com quem ainda divido o mesmo quarto, por ter aturado as minhas queixas e reclamações durante o tempo em que estive escrevendo este trabalho de pesquisa e durante a vida toda também. “We are together.”

Obrigado a todos os professores da UESPI que contribuíram para a minha formação profissional. Sei que cada um teve seu grau de importância para a minha jornada como profissional da educação. Agradeço em especial ao professor Mário Eduardo por ter acreditado no meu potencial e ter me permitido trabalhar com ele nos Cursos Livres de Extensão da PREX.

Um agradecimento especial também à minha professora e também minha orientadora Dra. Socorro Baptista por ter me inserido na área da pesquisa, primeiramente através do PIBIC e depois através deste trabalho de pesquisa. Você é uma das professoras de quem carrego um grande respeito e admiração.

Eu não poderia deixar de mencionar os meus colegas de turma que contribuíram para tornar as minhas tardes mais agradáveis durante o tempo que compartilhamos. O meu sincero obrigado ao meu amigo Euclides Vieira que estava sempre disposto a me ajudar quando precisei. Obrigado também Josué Albuquerque, Renata Castilho por serem ótimos amigos.

Meu carinho especial ao pessoal do PIBID com quem passei bons momentos. Entre eles: Ártemis Alencar, Geraldo e Plínio. Foi um prazer compartilhar esses momentos com vocês.

RESUMO

Este trabalho faz a relação entre literatura e história na obra *Alias Grace* (1996) de Margaret Atwood, enquanto discuti quatro pontos cruciais que são partes fundamentais para se atingir o objetivo geral desta pesquisa. Sabendo que *Alias Grace* é criada a partir da ficcionalização de dados históricos, em primeiro momento, verifica-se como ocorre a narração desses fatos históricos na obra literária. Em seguida, discute-se as questões identitárias segundo as teorias de Ciampa (1984) e Dubar (1997). No que concerne especificamente a relação literatura-história, buscamos entender quais eram os papéis da mulher e como a loucura feminina era vista no século XIX. Para discutir as questões de gênero utilizamos as ideias de gênero como “performance” de Butler (2003) bem como as teorias de gênero de Beauvoir (1949). A fim de pensar a relação entre literatura e história, usamos as teorias de Hayden White (1983). O objetivo geral desta pesquisa foi entender como a loucura feminina era vista pela sociedade canadense do século XIX. Conclui-se que tanto o pensamento difundido de mulher biologicamente mais frágil do que o homem, assim como os papéis de gênero estavam intimamente relacionados com a loucura feminina. O sistema patriarcal fazia uso da ideia de mulher “frágil” para ditar as funções da mulher no meio social, aquelas que ousassem desobedecer esse sistema poderiam facilmente ser consideradas loucas.

Palavras-chave: história, literatura, identidade, gênero, loucura feminina.

ABSTRACT

This present work does a relation between literature and history in the novel: *Alias Grace* (1996) of Margaret Atwood, as it discusses four crucial points which are essential parts to achieve the main goal of this research. Knowing that *Alias Grace* is created from the fictionalization of historical data, firstly, this work checks how those historical data are present in the literary work. Then it discusses the identity issues according to theories of Ciampa (1984) and Dubar (1997). Concerning to the specific relation between literature and history it aims to understand what were the women's roles and how female malady were viewed in the nineteenth century. To discuss the gender issues, we used the ideas of gender as "performance" of Butler (2003) and the ideas of gender of Beauvoir (1949). In order to think the relation between literature and history, the theories of Hayden White (1983) were used. The main goal of this work was to understand how the female malady was viewed among the Canadian society of the nineteenth century. It is concluded that the well-spread thought of a woman biological weaker than man as well as the gender issues were closely related to the female malady. The patriarchal system shared the idea of "weak woman" to dictate her roles in the society, those women who dared to disobey it could be easily considered mad.

Key-words: literature, history, identity, gender, female malady.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 NARRAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS NO TEXTO LITERÁRIO	15
3 CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM <i>ALIAS GRACE</i>	18
4 PAPEL DA MULHER CANADENSE NO SÉCULO XIX	22
4.1 Contexto histórico do Canadá no século XIX	22
4.2 Feminismo: evolução do estudo de gênero	23
4.3 Análise de gênero em <i>Alias Grace</i>	28
5 PERCEBENDO A LOUCURA FEMININA NO SÉCULO XIX	31
5.1 Conceitos para se referir a loucura no século XIX	31
5.2 A loucura feminina em <i>Alias Grace</i>	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
7 REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho realiza o estudo da obra *Alias Grace* (1996), de Margaret Atwood, através da relação entre literatura e história. Para isso, utilizamos os estudos de Hayden White (1983) para estudar os seguintes aspectos: como ocorre a apresentação dos fatos históricos dentro da narrativa literária da obra *Alias Grace*; como ocorre a construção identitária da personagem feminina, Grace Marks, levando em consideração os dados históricos apresentados na narrativa; por fim, é feita uma análise do papel da mulher e da loucura feminina no século XIX, período em que esta obra foi narrada. Sendo que o principal objetivo deste estudo é compreender como a loucura feminina era entendida pela sociedade canadense do século XIX através da análise da obra em questão.

A obra *Alias Grace*, da renomada escritora canadense Margaret Atwood, ficcionaliza vários documentos históricos a respeito de um famoso assassinato que se passa no Canadá de 1843. Desse modo, cria uma narrativa que paira entre o real e o fictício, estabelecendo uma interseção entre ambas. Essa interseção entre o real e o fictício presente na obra, é que será analisada segundo os estudos de Hayden White.

Muitos estudiosos consideram a história e a literatura como sendo campos opostos, uma vez que a história produz um discurso compromissado com a verdade e a literatura conta aquilo que poderia ter acontecido. No entanto, Hayden White, em sua obra *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX* não só defende a relação entre literatura e história como afirma “o próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção” (PESAVENTO, 2006 apud ASSIS; CRUZ, 2010, p. 115).

Nessa obra, Hayden White mostra que o trabalho do historiador é similar ao realizado pelo literato. Por essa razão, o historiador pode usar os elementos do texto literário como fonte para a criação da narrativa histórica, de maneira similar, o literato também faz uso de elementos da história para construir sua narrativa literária (PESAVENTO, 2006 apud ASSIS; CRUZ, 2010, p. 115-116).

Nota-se que White, ao colocar história e literatura como sendo semelhantes, não diferindo o modo como captam a realidade, torna possível o estudo do texto histórico pelo literário e vice-versa. Ainda defendendo tal relação, Mendonça e Alves (2009, p. 15) afirmam que é “possível chegar à verdade histórica através da ficção,

até porque a história não é o que sucedeu, mas muito mais o que julgamos que sucedeu”. Ou seja, apesar de a história ser recontada através da análise dos dados históricos, tal processo está incumbido da subjetividade do historiador que a realiza e a contamina. De maneira similar, a obra subjetiva do literato não pode ser isenta de verdade histórica. Assim, embora ambas as narrativas apresentem seu teor de imaginação, também carregam o seu teor de verdade que pode ser estudado e percebido.

Mesmo afirmando no artigo O texto histórico como artefato literário que tem havido uma relutância em considerar as narrativas históricas como o que elas mais manifestamente são – ficções verbais, cujos conteúdos são tão inventados como descobertos, e cujas formas têm mais em comum com suas contrapartidas na literatura que na ciência – isso não equivale na opinião de Hayden White a tomar a ficção verbal da história como discurso destituído de valor, mas, significa admitir que toda forma de conhecimento contém elementos de imaginação e de ficção, que a poesia não é seu elemento oposto (ASSIS; CRUZ, 2010, p. 116).

Em suma, ele afirma que o fato do discurso produzido pela história seja similar ao produzido pela literatura, não significa dizer que aquele não cumpra com o seu papel de mostrar a realidade como ela realmente é, ou que aquele perca seu caráter de verdade. Pelo contrário, isso significa apenas que tanto o discurso da história quanto o discurso da literatura, apesar de serem frutos da imaginação, da indagação subjetiva de uma pessoa, podem ser usados de maneira análoga com o propósito de captar aspectos da realidade. Devido essa semelhança, eles não podem ser vistos como elementos contrastantes, mas sim, como recursos que se somam na captação da verdade histórica.

Tendo em vista a complexidade e extensão da cultura, fazer uso da literatura com a finalidade de captar a realidade histórica, pode ajudar a entender quais eram “as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos” de uma determinada “sociedade e tempo histórico” (BORGES, 2010, p. 98). Dessa maneira, este trabalho faz o diálogo entre literatura e história com o propósito de discutir as questões de gênero e insanidade mental no período histórico do século XIX.

A loucura não foi vista e encarada de maneira uniforme durante toda a história humana. De acordo com Foucault (1978) na sua obra *História da Loucura na Idade Clássica*, podemos perceber que a maneira como as pessoas entendiam a loucura

estava diretamente relacionada à maneira como elas lidavam e tratavam com a figura do louco. Por exemplo, na Grécia Antiga a loucura era vista como um privilégio, já que os loucos eram seres capazes de falar com os deuses. Por isso, eles eram respeitados. No entanto, na Idade Média, o cenário muda e o louco deixa de ser dotado de um dom divino e passa a ser visto como um ser anormal, possuído pelo demônio e por isso é isolado da sociedade dita sã. Segundo Silveira e Braga (2005, p. 592):

Loucura, alienação, doença mental, transtorno mental, sofrimento psíquico não foram pensados de maneira uniforme nem ao longo da história, nem no mesmo espaço temporal. Vale destacar ainda que a forma como a experiência com a loucura vai sendo conceituada influencia diretamente os espaços e as práticas destinadas a ela.

Fica claro, nas palavras dos autores acima, que o ato de entender como a loucura é vista em um determinado cenário social constitui um passo importante para questionar o modo como essas pessoas são tratadas e posteriormente tentar mudar essa realidade. Em vista disso, a busca pelo entendimento da loucura feminina no Canadá do século XIX, se faz importante não somente pelo avanço do conhecimento nessa área de estudo, mas também por explicar o motivo de uma pessoa considerada louca ser tratada de determinada maneira e não de outra. Tal discussão também corrobora para o entendimento da loucura nos dias de hoje, já que estamos constantemente reestudando os acontecimentos passados para nos nortearmos no presente momento, em um processo dialético.

Em suma, esta pesquisa, ao abordar assuntos relacionados à loucura e à mulher, nos permite traçar muitas considerações sobre como a loucura feminina era vista ou tratada naquele período do século XIX. O que pode ser uma valiosa fonte de estudo para futuros trabalhos na área, já que pesquisadores podem usá-la para buscar entender a loucura na contemporaneidade. Tal pesquisa pode contribuir para explicar como o conhecimento a respeito da loucura ocorre da maneira que ocorre atualmente, o porquê de enxergamos uma pessoa louca da maneira como a enxergamos hoje e quem sabe até questionar tal realidade.

Vale frisar que, embora existam muitos estudos referentes a questão da insanidade mental, a real natureza da loucura continua sendo um mistério, bem como sua causa e cura. Ainda não existe uma concordância de ideias no que tange a sua origem, tratamento e cura. Ou seja, ainda há muitas considerações e discussões a

serem feitas nesta área, o que é uma das razões para a realização desta pesquisa (PERROT, 2001, p. 6).

Ao contrário dos estudos já realizados nessa área, a presente pesquisa inova ao apresentar um estudo que não é pautado estritamente na temática histórica, mas ao fazer a relação entre literatura e história, evidencia vários aspectos sobre como a loucura era vista e tratada no Canadá do século XIX. É importante informar que, em grande parte, aqueles aspectos evidenciados na obra literária estão em conformidade com a realidade histórica da época em questão.

Não podemos pensar em fazer o estudo de uma obra sem antes conhecer o autor que a escreveu. De acordo com o site *Biography* ([201-?]), a autora, Margaret Atwood, nasceu na cidade de Ontário, Canadá em 1939, é a romancista e poeta canadense mais renomada dos dias de hoje. Sua narrativa mais conhecida é *Haidmaid's Tale* (1986), além disso, Atwood já escreveu vários *best sellers* como: *Cat's Eye* (1988), *The Blind Assassin* (2000), *MaddAddam* (2013) e inúmeras outras, narrativas, poesias e ficções científicas. Suas obras já lhe propiciaram mais de 55 premiações no Canadá e pelo mundo a fora e já foram traduzidas para mais de trinta línguas diferentes.

A obra analisada neste trabalho, *Alias Grace*, narra a história da jovem Grace Marks vinda da Irlanda para a América do Norte Britânica (Canadá) com sua família a procura de melhores condições de vida. Quando chega ao Canadá, ela trabalha como doméstica em diferentes casas até chegar à casa de seu empregador Thomas Kinnear que mora com a governanta e amante, Nancy Montgomery. Assim que Kinnear e Nancy são assassinados, Grace Marks e James McDermott, ambos empregados da casa, são considerados os principais culpados pelos ocorridos. No entanto, somente James é condenado à morte, e Grace, com ajuda de seu astuto advogado, é sentenciada à prisão perpetua. No decorrer da narrativa, ela alterna entre prisões e asilos, pois as autoridades da época não têm certeza se ela é realmente louca ou finge estar, bem como não estão certos sobre sua culpa ou inocência nos assassinatos.

Tudo isso, nos direciona a pergunta: podemos entender como a loucura feminina era vista pela sociedade canadense do século XIX através da relação entre literatura e história? O que nos traz as hipóteses: as questões de gênero influenciavam no diagnóstico de loucura do sexo feminino; A sociedade canadense do século XIX considerava a mulher biologicamente mais fraca do que o homem, por isso ela deveria ter uma maior predisposição ao desenvolvimento de doenças mentais;

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é entender como a loucura feminina era encarada pela sociedade canadense no século XIX. Onde relacionamos o texto literário com trechos históricos do referente período, a fim de encontrar essa resposta. Para atingir tal objetivo geral, primeiramente passamos pelos objetivos específicos: verificar como se dão os fatos históricos no texto literário; verificar como se dá a construção da personagem feminina considerando os fatos históricos apresentados no texto literário e por fim, analisar o papel da mulher e da loucura feminina no século XIX, período que a obra, *Alias Grace*, é narrada.

Essa pesquisa é do tipo bibliográfica, segundo Moresi (2003, p. 35), é uma pesquisa “baseada na análise da literatura já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas, imprensa escrita e até eletronicamente, disponibilizada na *Internet*” e consta de uma reflexão teórica centrada em como a loucura feminina era vista no Canadá, no século XIX, através do estudo da obra *Alias Grace*, de Margaret Atwood, e também leva em consideração o contexto histórico-social em que a narrativa dessa obra ocorre.

Com a finalidade de alcançar os objetivos específicos e geral, sistematizamos este trabalho da seguinte maneira:

- Em primeiro lugar, apresentamos a narração dos fatos históricos no texto literário onde verificamos como a autora Margaret Atwood faz uso de documentos factuais para embasar e, assim, construir sua narrativa literária com base no real;
- Em seguida, verificamos como ocorre a construção da personagem principal Grace Marks em *Alias Grace* considerando a inclusão daqueles documentos históricos presentes no texto. Para isso usamos as ideias de Ciampa (1984) e Dubar (1997), autores que defendem a identidade como algo móvel, em constante metamorfose e que é transformada pelas vivências sociais do indivíduo.
- Depois, discutimos sobre o papel da mulher canadense no século XIX, apresentamos o contexto histórico social do Canadá do século XIX para, posteriormente, tratarmos das questões de gênero seguindo os pensamentos de alguns autores celebres, enfatizamos os pensamentos da autora Judith Butler, principalmente o seu conceito de *performance* a fim de evidenciá-lo na obra literária, ao mesmo tempo que utilizamos as teorias de Beauvoir para discutirmos sobre os papéis de gênero feminino no século XIX.

- Em seguida, percebemos a loucura feminina no século XIX. Nós fazemos uso das teorias de Hayden White (1983) para relacionar diversas passagens da obra literária com seus respaldos históricos e assim discutirmos os aspectos da loucura presente em *Alias Grace* a fim de entender como a loucura feminina era vista no século XIX.
- Por fim, na **Considerações finais**, apresentamos os resultados alcançados, as hipóteses confirmadas e as que não se confirmaram, fazendo um apanhado das discussões e análises feitas de modo a dar um fechamento ao trabalho. Apresentamos também uma sugestão sobre como esta pesquisa pode ser utilizada por futuros pesquisadores da área.

2 NARRAÇÃO DE FATOS HISTÓRICOS NO TEXTO LITERÁRIO

A autora Margaret Atwood utiliza alguns documentos históricos com a finalidade de embasar a criação da sua própria narração ficcional da história. Ao ficcionalizar tais documentos, ela recria a complexa atmosfera do século XIX através de uma narrativa caracterizada por várias interpretações possíveis de um mesmo acontecimento, rica em detalhes, temas e questões de gênero.

Esses documentos históricos se encontram logo no início de cada unidade do livro e a autora se baseia neles com o fim de recontar a história de Grace Marks. Entretanto, sua narração não se limita aos dados históricos, ela é livre para imaginar tudo aquilo que não tem comprovação histórica, mas o faz considerando as opções mais plausíveis. Desse modo, é através da mistura entre o real e o fictício, onde o não fictício se sobrepõe ao real é que esta obra é narrada.

Com efeito, essa mistura entre assuntos verídicos e imaginados força o leitor a relacioná-los, verifica-los de modo a tentar entender as diversas interpretações que eles permitem. Dessa maneira, o leitor no decorrer da leitura da obra, nunca tem certeza dos principais acontecimentos narrados, ficando sempre a mercê da dúvida ao que diz respeito às questões chave apresentadas ao longo do livro, tais como a inocência ou culpa de Grace nos assassinatos, se ela é louca ou finge ser.

Logo no início do livro temos um trecho histórico que será reescrito na forma de literatura mais adiante:

On Tuesday, about 10 minutes past 12 o'clock, at the new Gaol in this City, James McDermott, the murderer of Mr. Kinnear underwent the extreme sentence of the law. There was an immense concourse of men, women and children anxiously waiting to witness the last struggle of a sinful fellow-being. What kinds of feeling those women can possess who flocked from far and near through mud and rain to be present at the horrid spectacle, we cannot divine. We venture to say they were not very delicate or refined (ATWOOD, 1996, p. 9).¹

¹ Terça-feira, cerca de 12 minutos após as dozes horas, na prisão desta cidade, James McDermott, o assassino do Sr. Kinnear sofreu a sentença suprema da lei. Havia uma imensa confluência de homens, mulheres e crianças que esperavam ansiosamente para testemunhar o último suspiro de um ser humano pecador. Que tipo de sentimentos aquelas mulheres podem possuir que as motivaram a vir de tão longe e enfrentando chuva e lama a fim de presenciar terrível espetáculo, nós nunca saberemos. Mas nos arriscamos a dizer que não eram dos mais delicados ou refinados (minha tradução).

Mais à frente, no próximo capítulo da obra, evidenciamos esse mesmo trecho, narrado em primeira pessoa pela personagem Grace Marks:

It was raining, and a huge crowd standing in the mud, some of them come from Miles away. If my own death sentence had not been commuted at the last minute, they would have watched me hang with the same greedy pleasure. There were many women and ladies there; everyone wanted to stare, they wanted to breathe death in like fine perfume (ATWOOD, 1996, p. 28).²

Podemos perceber que esses dois trechos transmitem a mesma mensagem de maneira semelhante, já que ambos os trechos narram a presença de um aglomerado de pessoas que vieram para assistir ao assassinato de James McDermott. Ambas as passagens exaltam o interesse de algumas mulheres em presenciar tais atrocidades. O que evidencia a intenção da autora, em algumas partes da obra, em representar os fatos históricos na obra literária de maneira fidedigna com o real. Entretanto, como já foi mencionado nem sempre essa veracidade com o real será adotada.

Em outras partes da obra, não será tão fácil identificar a ficcionalização dos fatos históricos na narrativa já que eles aparecerem de maneira dispersa, bem como suas ordens de aparição na obra podem se dar de maneira irregular, podendo aparecer antes ou depois do seu referente documento histórico citado no início de cada capítulo.

No seguinte trecho da obra, a personagem Grace cita muitas das características que lhe foram dadas pelos meios de comunicações do século XIX. Características essas, que enquanto fontes históricas, não são apresentadas na obra de maneira direta, mas estão dispersas através de diferentes trechos de jornais, cartas, revistas, poemas. No que concerne à ficcionalização dos mesmos no texto literário, podem ser vistos nas conversas entre os personagens da obra. O trecho abaixo é um bom exemplo disso, onde a personagem Grace Marks indaga as diversas características que foram relacionadas à sua pessoa.

I think of all the things that have been written about me – that I am an inhuman female demon, that I am an innocent victim of a blackguard forced against my will and in danger of my own life, that I was too ignorant to know how to act and that to hang me would be judicial murder, that I am fond of animals, that

² Estava chovendo, e uma multidão enorme estava de pé na lama, alguns deles vieram de muito longe. Se minha morte não tivesse sido comutada no último minuto, eles teriam assistido ao meu enforcamento com o mesmo prazer insaciável. Havia muitas mulheres e senhoritas lá, todas desejavam sentir a morte assim como se sente um perfume bom (minha tradução).

I am very handsome with a brilliant complexion, that I have blue yes, that I have green eyes, that I have auburn and also brown hair, that I am tall and also above the average heath, that I am well and decently dressed, that I robbed a dead woman to appear so, that I am brisk and smart about my work, that I am of a sullen disposition with a quarrel-some temper, that I have the appearance of a person rather above my humble station, that I am a good girl with a pliable nature and no harm is told me, that I am cunning and devious, that I am soft in the head and little better than an idiot (ATWOOD, 1996, p. 23).³

Ainda se pode verificar as diferenças de pensamento sobre a personalidade, aparência física, inocência ou culpa, insanidade ou loucura de Grace Marks, a duplicidade de sentidos que estão presentes tanto nos fatos históricos como no texto literário.

Atwood brinca com a imaginação do leitor ao fazer uso de documentos históricos que sustentam opiniões controversas sobre o caráter e estado mental da personagem Grace Marks. Através deles, a autora cria uma narrativa ambígua que direciona o pensamento do leitor para diferentes caminhos. Talvez seja essa a sua intenção desde o início, tanto que o título do primeiro capítulo do livro é “Jagged Edge”⁴.

Diante de tudo isso, facilmente se presume que a autora Margaret Atwood antes de escrever a obra *Alias Grace*, estudou e refletiu minuciosamente sobre a realidade do século XIX a fim de entender a atmosfera sócio-histórica, desse modo, conseguir desenvolver uma narrativa fictícia com base no real. Além disso, a mistura de elementos fictícios e reais, também parece ter sido pensada com o fim de instigar o pensamento reflexivo do leitor, uma vez que é necessário relacionar o real com o fictício para compreender a obra como um todo, bem como se tornou uma estratégia para conseguir mostrar o caráter multifacetado dessa história.

³ Eu penso em todas as coisas que tem sido escritas a meu respeito – que eu sou um demônio feminino, que eu sou uma vítima inocente forçada contra a minha vontade ao temer pela minha própria vida, que eu era muito ignorante para saber como agir e que me enforcar seria considerado um assassinato judicial, que gosto de animais, que sou muito bonita com aparência radiante, que tenho olhos verdes, que tenho cabelo ruivo e também castanho, que sou alta e que também tenho altura mediana, que me visto bem e com decência, mas que para isso tive de roubar as roupas de uma mulher morta, que sou cintilante e esperta no trabalho que faço, que sou mal-humorada de temperamento briguento, que me mostro acima da minha humilde classe social, que sou uma garota boa de natureza flexível e de quem ninguém nunca reclamou, que sou astuta e desonesta, que tenho uma mente fraca, quase uma retardada (minha tradução).

⁴ “Bordas acidentadas” (minha tradução).

3 CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM *ALIAS GRACE*

O conceito de identidade adotado neste trabalho trata a identidade como resultado das diversas interações que o indivíduo tem durante a vida. Ela não seria algo fixo e inato, mas passível de transformações. Em vista disso, entende-se que uma mesma pessoa pode ter diferentes identidades, dependendo da sua idade, estado de humor, situação a qual está vivenciando ou ainda escolher aquela mais adequada a situação ou ambiente no qual está inserida.

Conforme Ciampa (1984, p. 74) “a identidade é uma metamorfose”, isso significa dizer que ela se transforma constantemente de acordo com as experiências do indivíduo em seu ambiente histórico e social. Esse modo de pensar está de acordo com Dubar para quem a identidade não é fixa, mas está em constante construção (DUBAR, 1997, p. 104).

Segundo Dubar (1997, apud FARIA; SOUSA, 2011), um mesmo sujeito pode ter várias identidades. Sendo que o processo de construção indenitária ocorre paulatinamente através dos atos de atribuição e os atos de pertença. Os atos de atribuição dizem respeito a como os outros caracterizam a identidade do sujeito, enquanto atos de pertença seriam as atribuições adotadas pelo próprio sujeito que agora farão parte da sua identidade.

Como já foi discutido anteriormente, a relação entre literatura e história presente em *Alias Grace* cria um cenário ambíguo que será uma constante durante toda a narrativa. Isso se dá devido à ficcionalização de fatos históricos que carregam opiniões distintas quanto à personalidade da personagem Grace Marks. Com efeito, a história narrada acaba por produzir identidades variadas de Grace. Essas identidades serão adotadas em diferentes fases de sua vida e em diferentes circunstâncias, conforme melhor lhe convém.

Para muitas pessoas do século XIX, Grace Marks era considerada um monstro que teria incitado James McDermott a assassinar seus empregadores, Thomas Kinnear e Nancy Montgomery. Para outros, ela era vista como uma jovem ingênua que teria sido obrigada por James a participar dos assassinatos. Esses pensamentos divergentes advindos daqueles documentos históricos são ficcionalizados pela autora e são amplamente difundidos na obra, de modo a nos mostrar identidades contraditórias de Grace: a Grace boa e a Grace demoníaca; sã ou insana. Isso ocorre

através das vozes de alguns personagens da obra que sugerem personalidades distintas e paralelas de Grace.

Uma dessas personalidades sugeridas pelos personagens é a de que Grace seria uma “víbora demoníaca”. Tal personalidade é, em grande parte, construída através de James McDermott que, revoltado por ser o único condenado a força, em seus últimos minutos de vida tenta incriminar Grace pronunciando sentenças terríveis a respeito da personagem (ATWOOD, 1996, p. 376). Em diversas passagens de *Alias Grace*, também podemos evidenciar tal personalidade, que ela se preocupa tanto em esconder. Isso pode ser visto mais claramente quando Grace, ainda criança, conduz seus irmãos mais novos de encontro ao cais e pensa em matar alguns afogados com o fim de economizar comida em casa.

I will confess to having a wicked thought, when I had the young ones lined up on the dock, with their little bare legs dangling down. I thought, I might just push one or two of them over, and then there would not be so many to feed, nor so many clothes to wash [...] But it was only a thought, put into my head by the Devil, no doubt (ATWOOD, 1996, p. 108).⁵

Por outro lado, também podemos perceber a Grace ingênua e indefesa que teria sido forçada por James McDermott a participar dos assassinatos de seus empregadores. Tal modo de enxergar a personagem parece surgir quando o advogado dela, na tentativa de inocentá-la dos crimes, apela à sua juventude, alega que ela não passava de uma criança ingênua que teria sido manipulada por James. Parece surgir aqui uma nova identidade de Grace que será adotada por ela como forma de conseguir sua liberdade. Logo no início da obra podemos verificar que Grace adota uma identidade que não é de fato a dela almejando deixar a prisão:

I am a model prisoner, and give no trouble. That's what the Governor's wife says, I have overheard her saying it. I'm skilled at overhearing. If I am good enough and quiet enough, perhaps after all they will let me go; but it's not easy being quiet and good, it's like hanging on to the edge of a bridge when you've already fallen over (ATWOOD, 1996, p. 5).⁶

⁵ Eu confesso que tive um pensamento perverso, quando os pequenos estavam em fila na beira da doca, com as pernas pendendo para baixo. Eu pensei, eu poderia apenas empurrar um ou dois para frente, então não haveria tantos para alimentar, nem tantas roupas para lavar [...] Mas foi apenas um pensamento, colocado na minha cabeça pelo diabo, sem sombra de dúvidas (minha tradução).

⁶ Eu sou uma prisioneira modelo, e não dou trabalho. É isso o que a mulher do Governador diz, foi isso o que ouvi. Eu tenho talento em escutar conversas pelos cantos. Se eu for boa o suficiente e quieta o suficiente, talvez depois de tudo o que passei eles me libertarão; mas não é fácil ser quieta e boa, é como ficar pendura na borda da ponte quando você já pulou (minha tradução).

A respeito disso, Grace em sua cela da prisão recebe a visita de Simon Jordan, médico contratado para examinar sua mente com o objetivo de libertá-la da prisão. Ela diz: “I look at him stupidly, I have a good stupid look which I have practised”⁷ (ATWOOD, 1996, p. 38). Este trecho deixa claro que a personagem se apropria de uma personalidade que não é de fato a dela, uma personalidade muito mais ingênua do que a sua verdadeira identidade, o que acaba por gerar uma nova identidade na obra.

Mais adiante na história, podemos notar a intenção da personagem em esconder seu outro lado sombrio. Em diversos trechos da obra podemos inferir que Grace cita o nome de sua falecida amiga Mary Whitney, como forma de transmitir os seus pensamentos sujos e sombrios que seriam malvistas pelas pessoas da época. Talvez seja por isso que Grace está sempre citando Mary Whitney, quando precisa dizer alguma indecência:

I’ve been shut up alone before. Incorrigible, said Dr. Bannerling, a devious dissembler. Remain quiet, I am here to examine your cerebral configuration, and first I shall measure your heartbeat and respiration, but I knew what he was up to. Take your hand off my tit, you filthy bastard, Mary Whitney would have said (ATWOOD, 1996, p. 34).⁸

Tal trecho nos sugere uma estratégia da personagem de apresentar os seus reais pensamentos, desejos, convicções, enfim, sua real identidade sem comprometer a sua situação como detento e como mulher também, já que havia um padrão de mulher ideal a ser seguido, o que será discutido nos próximos capítulos.

No entanto, os fenômenos acima, serão encarados pelos personagens da obra como um caso de consciência dupla, que era uma doença característica do século XIX e acometia, sobretudo, as mulheres, o que será discutido no capítulo que analisamos a loucura feminina. As informações acima nos remetem, mais uma vez, as múltiplas interpretações que a narrativa desta obra nos permite.

Em vista de tudo que foi explanado, podemos constatar que em consonância com as ideias de Ciampa (1984) e Dubar (1997) há mais de uma identidade possível para a personagem Grace Marks, essas identidades são sugeridas por alguns

⁷ Eu o olho com um olhar de estúpida, eu tenho um bom olhar de estúpida que tenho praticado (minha tradução).

⁸ Eu fui trancada sozinha antes. Incorrigível, disse o Dr. Bannerling, uma dissimulada desonesta. Fique quieta, eu estou aqui para examinar sua configuração cerebral e primeiro vou medir seu batimento cardíaco e sua respiração, mas eu sabia do que ele era capaz. Tire sua mão da minha teta, seu bastardo imundo, Mary Whitney teria dito (minha tradução).

personagens da narrativa e que, em alguns casos, são adotadas pela própria personagem como forma de ser inocentadas dos crimes. Grace parece ter entendido a forma como as pessoas que desejam a sua libertação esperam que ela seja e a partir de então ela assume essa nova identidade.

4 PAPEL DA MULHER CANADENSE NO SÉCULO XIX

4.1 Contexto do Canadá no século XIX

Para fazer a análise de *Alias Grace*, primeiro é necessário ter uma noção do contexto histórico-social em que a obra é narrada. Nesse caso, é preciso conhecer um pouco mais sobre o Canadá do século XIX. De acordo com o que consta no livro de Sugars e Moss (2009), *Canadian Literature in English*, o Canadá antes do século XIX era chamado de “América do Norte Britânica” e foi marcado por conflitos, sobretudo, dos povos franceses, ingleses e os nativos da região que reivindicavam a autonomia das terras.

Entre o final do século XVIII e meados do XIX ocorreram muitas imigrações de pessoas de diferentes países e continentes, principalmente da Europa, buscando melhores condições de vida nas atraentes Colônias do Norte Britânicas. Lugar, onde o homem se construía pelo trabalho e não pelo o que seus pais eram (SUGARS; MOSS, 2009, p. 124-5).

Com a chegada do período que vai de 1837 a 1901, Época Vitoriana, ocorrem muitas mudanças sociais, econômicas e políticas, como o avanço da indústria, imposição de novos valores morais, a instituição do parlamento, construção de ferrovias e desenvolvimento artístico e cultural (SILVA, 2014).

E se esse já não era um lugar fácil de viver essa situação era ainda pior para a mulher canadense. Pois em comparação ao homem, a mulher americana, no geral, era tratada como sendo inferior e tinha menos direitos. Segundo Steele e Brislen (2015):

In colonial America, men were considered superior to woman — in all ways, even in terms of morality. In a world of strict patriarchal hierarchy, men controlled not only wealth and political power but also how their children were raised, religious questions, and all matters of right and wrong.⁹

Nesse contexto, à mulher cabia a função de cuidar da casa e dos filhos, enquanto ao homem, mais envolvido na esfera social, cuidava dos negócios da

⁹ Na América Colonial, os homens eram considerados superiores a mulher – em todos os quesitos, mesmo nos termos da moralidade. Em um mundo de hierarquia patriarcal estrita, os homens controlavam não apenas a riqueza e poder político, mas também como as suas crianças eram criadas, questões religiosas, e todos as questões de certo ou errado (minha tradução).

família: “the doctrine of “separate spheres” maintained that woman’s sphere was the world of privacy, family, and morality while man’s sphere was the public world – economic striving, political maneuvering, and social competition” ¹⁰ (STEELE; BRISLEN, 2015).

É nesse ambiente marcado por conflitos territoriais, imigrações, mudanças sociais, econômicas e políticas, assim como assombrado pelo sistema patriarcal que a obra a ser analisada neste trabalho de pesquisa é narrada. Devido a obra *Alias Grace* ser baseada em fatos reais, espera-se que assuntos relacionadas com esse contexto histórico sejam também constatados nesta narrativa.

4.2 Feminismo: evolução dos conceitos de sexo e gênero

Os problemas de gênero já foram bastante discutidos ao longo do último meio século pelos movimentos feministas. No entanto, os assuntos não se esgotaram, fazem parte de um processo dialético, onde cada estudioso dá a sua contribuição para a evolução das teorias. Cada época do feminismo traz valiosos estudiosos que, de uma forma ou de outra, contribuem para o avanço nos estudos de gênero e para várias outras áreas de pesquisas. Autores como Simone Beauvoir na sua obra *O Primeiro Sexo* (1949) retrata muitos dos papéis de gênero relativos à mulher do Pós Segunda Guerra Mundial e sugere novas formas de relacionamento entre o homem e a mulher. Posteriormente surgem escritoras como Judith Butler que com sua obra *Performance de Gênero Feminismo e Subversão da Identidade* (2003) abala as questões de gênero com suas teorias do que seja o sexo, gênero e “performance”, desse modo abre um leque de novas possibilidades de se estudar as teorias de gênero.

De acordo com Jesus e Sacramento (2014) os movimentos feministas podem ser divididos em três ondas que não são marcadas por fronteiras fixas e nem seguem uma evolução inteiramente linear. A primeira delas tem como principais contribuintes Olympe de Gouges, Jeanne Deroin, Hubertine Auclert e Madeleine Pelletier, se deteve nas reivindicações dos direitos e garantias fundamentais e da autonomia econômica

¹⁰ “A doutrina de ‘esferas separadas’ mantinha que a esfera da mulher era o mundo do privado, família e moralidade enquanto a esfera do homem era o mundo público – esforço econômico, manobras políticas e competição social” (minha tradução).

da mulher”. A segunda onda trás os nomes de Julia Kristeva, Hélène Cixous e Lucy Irigaray. A terceira onda, em andamento nos dias atuais, tem Judith Butler como uma das suas principais representantes. Cada uma dessas ondas lida com as teorias de sexo e gênero de uma maneira particular, até porque elas ocorreram em épocas distintas e tratavam de diferentes realidades.

Ainda segundo Jesus e Sacramento (2014, p. 192), o discurso da primeira onda de feministas “será marcado pela enunciação igualdade na universalidade” que busca igualdade entre homem e mulher. Nesse período, o sexo era encarado pela maioria dos autores como uma característica inerente ao ser humano, herdada ainda no nascimento e fazendo parte da biologia do sujeito. Essa forma de encarar o sexo está intimamente ligada aos órgãos genitais, onde o pênis define o sexo masculino enquanto a vagina define o sexo feminino. Por outro lado, o gênero era o resultado do meio sociocultural. Tais pensamentos eram compartilhados por autores como Simone Beauvoir (1949). Segundo Butler (2003, p. 163):

Para Beauvoir, o sexo é imutavelmente um fato, mas o gênero é adquirido, e ao passo que o sexo não pode ser mudado (...) o gênero é a construção cultural variável do sexo, uma miríade de possibilidades abertas de significados culturais ocasionados pelo corpo sexuado.

Fica evidente que o sexo era tratado como um dado biológico, herdado no nascimento e considerado imutável, enquanto o gênero, de caráter mutável, era visto como uma construção, produto das complexas interações do indivíduo com o meio sociocultural. Os trabalhos de Beauvoir, sobretudo o seu livro *O Segundo Sexo*, foram importantes por fomentar, ainda na metade do século XX, questões que ainda estavam amadurecendo. Vale ressaltar novamente que esse modo de pensar, embora fosse aceito por grande parte das feministas da época, não se apresentava de maneira homogênea.

Já na segunda onda que é mais evidente nas décadas de 1960 a 1970 o sexo mantém seu caráter biológico. No entanto, os estudos de gênero agora se voltam para a exaltação das diferenças entre homem e mulher como forma de alcançar a igualdade de gênero no meio social. Na época em questão, o gênero também era tratado como o resultado das vivências do indivíduo na complexa rede de interações que a sociedade produz:

“O feminismo das décadas de 1960 e 1970 é definido didaticamente como segunda onda. Nesse período, ocorre a desvalorização do discurso perpetuado na primeira onda. Assim, passamos do discurso da igualdade na universalidade para a igualdade na diferença. A luta feminista desse período, baseada no discurso da diferença não destitui o sexo da condição naturalizada proposta pelo discurso biológico anterior. A teoria feminista do período de certa maneira retoma os postulados de Beauvoir, que pensava o sexo como natural e o gênero (mesmo sem usar essa palavra) como construído e a crítica feminista avança no sentido de começar a questionar sobre esta possível naturalização” (JESUS; SACRAMENTO, 2014, p. 195).

Como se pode constatar até o presente momento, as teorias de sexo e gênero se mantiveram quase que imutáveis durante essas duas ondas do feminismo, mudando apenas a forma como eram trabalhadas na busca dos direitos da mulher. Entretanto a discussão em cima das questões de gênero durante essas duas fases foram fundamentais para o desenvolvimento das inovadoras teorias da autora Judith Butler do sexo e gênero e do seu conceito de “performance” que permitiu uma variedade de formas de se estudar as questões de gêneros na contemporaneidade. Essa autora é uma das principais representantes na terceira onda, também conhecido como o pós-feminismo. Em vista disto, apresentaremos suas principais teorias apresentadas a fim de embasar a análise da obra *Alias Grace* (1996).

Na obra *Performance de Gênero Feminismo e Subversão da Identidade* (2003), Butler discute e questiona muitos dos pensamentos de Beauvoir a respeito de temas diversos. É a partir desses vários questionamentos feitos a Beauvoir que Butler começa a tecer a sua própria teoria a respeito do caráter mutável não apenas do gênero, mas também do sexo:

Se o caráter imutável do sexo é questionável, talvez o próprio construto “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, a talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (BUTLER, 2003, p. 25).

Com isso, Butler pretende mostrar que, ao contrário do que era pensado pelas feministas da primeira e segunda onda do feminismo, o sexo não pode ser considerado um dado biológico, inato ao indivíduo. Segundo Butler (2003, p. 25) “o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido”. Com base nas citações acima, fica claro que para a autora tanto o gênero quanto o sexo são construções do meio social e estão em constante alteração.

A partir do entendimento das teorias de sexo e gênero como construtos de Butler é que podemos falar do seu conceito de “performance.” Pois esses termos estão intrinsecamente relacionados entre si e ao meio social e cultural. De acordo com Butler na sua obra *Bodies That Matter* (1993), o conceito de performance diz respeito a formação do gênero através de uma série de ações que são praticadas pelo sujeito dentro da sociedade, onde essas ações podem gerar diferentes gêneros dependendo da forma como são encenadas. Esse processo performativo também está ligado ao discurso, segundo ela, o discurso propagado pela sociedade tem o poder de criar realidades, por isso atua de forma direta na transformação do gênero (BUTLER, 1993, p. 2).

Continuando seu raciocínio, Butler diz que existem normas na sociedade que regulam o sexo através do discurso, elas agem de uma maneira performática de modo a “to constitute the materiality of bodies and, more specifically, to materialize sexual difference in the service of the consolidation of the heterosexual imperative”¹¹ (BUTLER, 1993, p. 2). Com isso, ela quer dizer que existem forças que ao tratarem o sexo como sendo um fator biológico, como uma característica natural e por isso inquestionável, ajudam a consolidar o padrão heterossexual que é imposto pelo sistema patriarcal. Butler demonstra essa ideia mais claramente ao citar Witting:

Para ela (Witting), a linguagem é um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos de realidade que acabam sendo percebidos como “fatos”. Considerando coletivamente, a prática repetida de nomear a diferença sexual criou essa aparência de divisão natural. A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performático institucional pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. Assim, conclui Witting, “somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à idéia de natureza que foi estabelecida para nós” (WITTING, 1981, p. 17 apud BUTLER, 2003, p. 168).

Nesse processo, sexo e gênero sofrem a normatização e coerção da própria sociedade que se vale principalmente do poder da linguagem, naturalizada como verdade, para dizer como devemos ser e nos portar dentro da sociedade. Desse modo, a mulher será normatizada a realizar tarefas ditas femininas, enquanto o homem a realizar tarefas ditas masculinas, enquanto outros gêneros que não se encaixam nesse padrão heterossexual ditado pelo patriarcado são excluídos e

¹¹ “Continuar a materialidade dos corpos e, mais especificamente, materializar a diferença sexual no serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (minha tradução).

condenados a viverem à margem da sociedade. Sendo assim, ir contra a natureza biológica do sexo significa questionar essa normatização e coerção já que o sistema patriarcal se sustenta justamente nesse binarismo de sexos.

Retomando o conceito de performance de Butler, em resumo, podemos dizer que uma pessoa estabelece seu sexo e gênero por meio da “performance” que se dá através do conjunto de ações realizados pelo indivíduo e especialmente através dos discursos que são “performados” sobre o sexo e gênero. No entanto, de acordo com Butler (1993, p. 94), não é correto afirmar que um determinado indivíduo possa construir sua sexualidade conforme a sua vontade. Em entrevista ela fala sobre esse mal-entendido que julga ser fruto da leitura malfeita da sua obra:

Well, there is a bad reading, which unfortunately is the most popular one. The bad reading goes something like this: I can get up in the morning, look in my closet, and decide which gender I want to be today. I can take out a piece of clothing and change my gender: stylize it, and then that evening I can change it again and be something radically other, so that what you get is something like the commodification of gender, and the understanding of taking on a gender as a kind of consumerism (BUTLER, 1992, p. 83).¹²

Em vista disto, o entendimento do sexo e gênero como construídos socialmente não implica dizer que um indivíduo possa moldá-los ou recriá-los como bem entender, até porque esse processo envolve diferentes graus de interações em um meio sociocultural preestabelecido com leis e normas que estão além da compreensão.

A partir das principais teorias de Judith Butler apresentadas até aqui, faremos a análise da obra *Alias Grace* de modo a constatar muitos dos postulados de Butler nessa obra literária bem como constatar os principais papéis de gênero referentes à figura feminina do século XIX, para isso também utilizaremos dos estudos de Simone Beauvoir apresentados na segunda edição da sua obra *Segundo Sexo II Experiência Vivida* (1945). Apesar das teorias de Simone Beauvoir em grande parte se mostrarem ultrapassadas para o século XXI, a sua obra retrata muitos dos papéis de gênero ligados à figura feminina da sua época e precedente que juntos a textos históricos do século XIX serão relacionados às questões de gênero presente na obra *Alias Grace* de modo a nos permitir suas constatações no nível do real.

¹² Bem, há uma leitura malfeita, uma que infelizmente é a mais popular. A leitura malfeita diz algo do tipo: eu posso acordar pela manhã, olhar em meu armário de roupas e decidir qual gênero eu quero ser hoje. Eu posso tirar um par de roupas e mudar meu gênero: estiliza-lo, então quando for noite eu posso muda-lo de novo e ser algo completamente diferente, deste modo o que você consegue é algo como a mercantilização do gênero e o entendimento de aceitar um gênero como um tipo de consumismo (minha tradução).

4.3 Análise de gênero em *Alias Grace*

Para Beauvoir (1967, p. 106) o casamento era almejado pela mulher como uma forma de conseguir estabilidade financeira e cumprir o seu destino na sociedade. No geral, não era o amor que motivava a vida em matrimônio, mas o dinheiro, então a mulher buscava um marido acima da sua situação financeira como forma de ascender economicamente. Em *Alias Grace*, esse desejo é expresso em mais de um momento, primeiro em um diálogo entre Grace Marks e sua tia Pauline. Esta parece preocupada que Grace siga o triste caminho de sua mãe e case-se com alguém abaixo da sua situação financeira: “she (Pauline) said I should strive against it, and set a high price on myself, and not take up with the first”¹³ (ATWOOD, 1996, p. 104).

Ainda sobre essa questão, temos a personagem Mary Whitney que, ao tentar consolar Grace Marks a respeito de uma tarefa malfeita, diz que ela não precisava se preocupar com aquilo, pois tudo ficaria bem quando se casasse “and if their husbands prospered they would soon be hiring their own servants in their turn at the very least a maid-of-all-work; and that one day. I would be the mistress of a tidy farmhouse” (Idem, p. 158).¹⁴

Diante dessas citações, fica evidente o desejo pelo casamento como forma de melhorar de vida. No entanto, para que seu objetivo fosse atingido a mulher precisava se submeter a uma série de rituais a fim de parecer feminina e atraente aos olhos do homem. O personagem Dr. Simon Jordan (médico encarregado de analisar o estado mental de Grace) se refere a isso quando diz que “at least he isn’t a woman, and thus not obliged to wear corsets, and to deform himself with tight lacing”¹⁵ (Idem, p. 73). O que além de nos advertir a respeito dos sacrifícios que uma mulher precisava enfrentar a fim de se encaixar dentro dos padrões de feminilidade esperados naquela época, insinua que a formação do gênero feminino envolve muito mais do que ter nascido com um órgão genital feminino, mas também se vestir e agir como uma mulher, através daquilo que Butler chamou de ‘performance’.

¹³ “Ela (Pauline) disse que eu deveria lutar contra isso, e me valorizar ao máximo, e não me engraçar com qualquer um que aparecesse” (minha tradução).

¹⁴ “E se seus maridos prosperassem elas logo estariam contratando seus próprios empregados, no mínimo, uma empregada de serviços gerais; e que um dia eu seria a patroa de uma fazenda arrumada” (minha tradução).

¹⁵ “Pelo menos ele não nasceu mulher, e por isso não é obrigado a vestir espartilhos, e se deformar com laço aperto” (minha tradução).

A própria personagem Grace Marks é instruída pelos personagens conforme uma mulher deveria se portar e vestir naquele período histórico. Pelos conselhos da Sra. Honey, governanta da casa em que Grace trabalha, ela aprende que uma mulher deve “behave modestly and not speak to any strangers, especially men”¹⁶ na rua (ATWOOD, 1996, p. 152). Desse modo, ela vai moldando o seu gênero ao longo da narrativa e se antes ela não passava de uma criança suja e malvestida, no meio da narrativa ela se transforma em uma verdadeira dama que acaba despertando o interesse do seu empregador Thomas Kinnear e o ciúme da governanta e amante dele Nancy Montgomery. Segundo Grace “she (Nancy) was afraid that Mr. Kinnear would come to like me better than her”¹⁷ (Idem, p. 309).

Esses padrões de feminilidade que a mulher deveria adotar parece ter sido completamente absorvido pela personagem Mary Whitney, pois embora ela fosse uma senhorita inclinada a falar palavrões quando não havia ninguém por perto, ela se comportava de maneira respeitosa e educada quando estava na frente das outras pessoas, conduta essa, que somada ao seu trabalho bem feito a transformou na mais queridinha da casa (Idem, p. 150). O que nos indica mais uma vez que o gênero feminino é inconstante, bem como sofria a normatização da sociedade.

Após o casamento surgem as questões ligadas ao lar. Quando o Dr. Simon Jordan se ver obrigado a ir à feira para comprar comida para sua senhoria que acabara de ter um desmaio devido a sua má alimentação, ele se vê desorientado, sem saber onde comprar os alimentos que deseja já que “This is a universe he has never explored, having had no curiosity about where his food came from, as long as it did come”. The other shoppers at the market are servants (...) or else women of the poorer classes”¹⁸ (Idem, p. 144). Essa informação está em consonância com as ideias de Beauvoir (1967, p. 27) que diz que desde criança a mulher está destinada a realizar as atividades ligadas ao lar. Evidentemente, resta ao homem ficar responsável pela esfera pública.

Atwood parece defender o caráter mutável tanto do sexo quanto do gênero através de um dos questionamentos do personagem Simom Jordan que indaga sobre a natureza do corpo feminino:

¹⁶ “Se comportar modestamente e não falar com desconhecidos, especialmente se for homem” (minha tradução).

¹⁷ “Ela (Nancy) tinha medo que o Sr. Kinnear viria a gostar mais de mim do que dela” (minha tradução).

¹⁸ “Este é um universo que ele nunca explorou, ele nunca teve curiosidade sobre a origem de sua comida, contanto que ela chegasse” (minha tradução).

For the widely held view that women are weak-spined and jelly-like by nature, and would slump to the floor like melted cheese if not roped in, he has nothing but contempt. While a medical student, he dissected a good many women – from the labouring classes, naturally – and their spines and musculature were on the average no feebler than those of men, although many suffered from rickets (ATWOOD, 1996, p. 73).¹⁹

Ora, se segundo o personagem não há diferenças entre a constituição física do corpo feminino e masculino, então ele nos sugere que um mesmo corpo pode gerar tanto o gênero feminino quanto o gênero masculino. Esse foi um questionamento semelhante ao feito por Butler à famosa frase de Beauvoir: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, para Butler “não há nada em sua explicação que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BUTLER, 2003, p. 27). Desse modo, a formação do gênero não pode ser imposta pelo sexo (corpo) do indivíduo desde seu nascimento, logo só pode ser criado e recriado no meio sociocultural. Sendo que a aparência “raquítica da maioria das mulheres” indica a necessidade sentida por elas em moldar seu corpo dentro dos padrões do corpo feminino tido como perfeito.

A partir das discussões feitas neste capítulo podemos comprovar que muitos dos pensamentos de Judith Butler estão presentes na obra *Alias Grace* de Margaret Atwood. A autora demonstra em muitos pontos da sua obra que o sexo e gênero são construídos culturalmente através das vivências do indivíduo no meio sociocultural. Ao mesmo tempo percebemos que há regras sociais que regem a forma corporal, o modo de vestir e agir da mulher e aquela que não se adequa a esses padrões corre o risco de ser malvista pela própria sociedade.

No que diz respeito ao papel da mulher nessa sociedade patriarcal, também conseguimos fazer algumas observações. Como se viu, a mulher devia desempenhar atividades referentes ao seu sexo, desse modo ela almejava e encarava o casamento como a solução para os seus problemas, pois essa era sua melhor chance de ascensão econômica e de completar seu destino como mulher na sociedade. Após consegui-lo era seu dever cuidar das atividades ligadas ao lar, enquanto o homem lidava com as atividades ligadas à esfera pública.

¹⁹ Para a opinião generalizada de que as mulheres têm espinhas fracas e gelatinosas por natureza, e se desmanchariam no chão como queijo derretido se não estivessem bem amarradas em algo, ele só consegue sentir desprezo. Enquanto estudante de medicina, ele dessecou um número razoável de mulheres – da classe trabalhadora, naturalmente – e suas espinhas e musculaturas, na média, não eram mais fracas do que as dos homens, embora muitas sofressem de raquitismo (minha tradução).

5 PERCEBENDO A LOUCURA FEMININA NO SÉCULO XIX

5.1 Conceitos para se referir à loucura no século XIX

Sabe-se que a loucura assume conceitos diferentes de acordo com o período ou lugar onde se faz presente. Segundo Foucault (1978) na obra *História da Loucura na Idade Clássica*, a loucura foi encarada ao longo dos períodos mais remotos até a idade moderna, de diferentes maneiras. Se na Grécia Antiga ela era vista como algo divino, na Idade Média ela se tornaria a representação do mal, causada pela possessão demoníaca.

Nesse mesmo contexto histórico, temos o fim das cruzadas e com isso o fim do contato com as fontes de contaminação da lepra no Oriente. Isso causa o retrocesso da lepra e lugares que, antes isolavam os leprosos, passaram ser destinados aos insanos. No entanto, esse isolamento dos loucos, não visava tratá-los, mas apenas afastá-los das pessoas ditas normais. No Renascimento, ela se liberta do seu caráter místico e sobrenatural para dar lugar aos pensamentos da modernidade.

Com a chegada da modernidade houve mudanças significativas no modo de encarar o fenômeno da loucura. É justamente esse último período, o século XIX, para ser mais específico, o período de interesse deste trabalho. Por isso, delimitamos essa fatia temporal com a finalidade de entender as definições de loucura utilizadas naquela época.

O contexto dos anos finais do século XVIII ao XIX, é marcado por avanços na área científica e pela valorização da razão. Segundo Silveira e Braga (2005, p. 593):

É o Século das Luzes, onde a razão ocupa um lugar de destaque, pois é através dela que o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade. Ocorre valorização do pensamento científico e é em meio a esse contexto que ocorre o surgimento do hospital como espaço terapêutico.

Foi ainda no século XVIII que o Ocidente presenciou grandes mudanças no que diz respeito ao fenômeno da insanidade mental. Philippe Pinel (1745-1826) ficou conhecido por considerar a loucura como sendo uma doença e por isso poderia ser tratada, ideia que contrariava os pensamentos dos séculos precedentes. Ele “foi o primeiro médico a tentar descrever e classificar algumas perturbações mentais através de métodos científicos” (FOUCAULT, 1978).

Em suma, os trabalhos de Pinel dão a loucura o status médico de doença, possibilitando assim o seu tratamento. Uma vez estabelecido o caráter de doença à loucura, surge a psiquiatria e os psiquiatras, responsáveis por cuidar daqueles que sofrem de “alienação mental/alienismo”, termos usados para se referir a loucura na época.

A partir de então, a loucura passou a ser entendida como uma insânia, caracterizada pela desorganização do pensamento, contrário ao pensamento aceito como normal para a maioria da sociedade. Desse modo as pessoas acometidas por alienação mental eram consideradas inaptas a viverem em sociedade e por isso deveriam ser internadas nos hospícios/manicômios (FOUCAULT, 1978).

Isso não quer dizer que Pinel considerava a loucura como sendo o oposto da razão, aquela é apenas a perda parcial da razão, e por isso a sanidade mental poderia ser recuperada pela estimulação do resto de razão. Como nos mostra Perrot (2001, 26):

A partir daí, podemos construir uma caracterização da loucura não como a perda total da razão, mas como se fosse apenas uma contradição dentro da mesma, que continua a existir. A concepção teórica de Pinel concebe a loucura como um comprometimento ou lesão fundamental do intelecto e da vontade, que se manifesta no comportamento dos indivíduos sob as mais variadas formas. ”

Entretanto, não havia uma única definição de loucura, podendo esta assumir conceitos diversos. Para Perrot (2001, p. 91), “ao longo das épocas, o conceito de loucura passou por várias modificações, resultando desse processo não uma única, mas várias definições da mesma, de acordo com a perspectiva adotada. ” Na obra de Foucault *A constituição histórica da doença mental*, foi atribuído à loucura “uma espécie de filiação entre a loucura e todos os crimes do amor” e muitos dos crimes desse período histórico (século XIX) foram relacionados à mesma. Embora isso não signifique dizer que tais crimes estivessem, de fato, relacionados com a essência da loucura, era esse o consenso geral aceito pela maioria das pessoas da época. Esse pensamento errôneo é resultado da construção histórica da loucura (FOUCAULT, 1975, p. 79).

Os pensamentos de Pinel e os conceitos usados para denominar a loucura arrastaram-se ao século XIX, influenciando estudiosos desse período histórico, como Jean Etienne Esquirol (1772-1840).

5.2 A loucura feminina em *Alias Grace*

Em *Alias Grace*, a personagem principal, Grace Marks tem logo no início, um suposto ataque de histeria. E no decorrer da narrativa, há um grupo de pessoas que na tentativa de provar sua inocência nos assassinatos de Thomas Kinnear e Nancy Montgomery, contratam o Dr. Simon Jordan. Este, por meio de uma análise psicanalítica científica, tenta fazê-la recordar as memórias do dia dos assassinatos ou tentar provar seu estado de insanidade mental, pelo menos, no momento dos assassinatos já que uma pessoa não é ela mesma quando está louca, isso seria o mesmo que provar sua inocência. Mas também há pessoas que alegam que Grace, culpada pelos assassinatos, representa um perigo à sociedade e, por isso, deve continuar presa. Há ainda os que defendem que Marks, como louca, não passa de uma impostora. Essa incerteza quanto à sanidade mental de Grace, faz com que haja um impasse de opiniões quanto ao seu estado mental, hora dita uma pessoa sã outra hora acometida por problemas mentais. Com base nisso, percebe-se que essa narrativa é rica em assuntos relacionados com a insanidade mental, que traz à tona diversos aspectos da noção de irracionalidade do século XIX.

Com base em pesquisas e leituras de textos históricos relativos ao século XIX, analisamos na obra *Alias Grace* os diversos aspectos da loucura, de modo a relacionar história e literatura, sempre que possível, e assim entender como a loucura feminina era entendida pela sociedade canadense do período em questão. Nosso foco principal se dá na loucura feminina, mas não negligenciamos as informações a respeito dos diagnósticos, tratamentos e outros assuntos referentes à loucura, pois são importantes a medida que colaboram para um maior entendimento da própria loucura feminina.

A narrativa em questão apresenta uma história que não segue a ordem cronológica das ideias. Ela começa com Grace Marks já com vinte e três anos de idade, presa e tendo o que supostamente seria um ataque de histeria ao recordar do dia dos assassinatos dos seus empregadores Tomas Kinnear e Nancy Montgomery. Acontecimento esse que ocorreu quando Grace ainda tinha dezesseis anos de idade e vivia como empregada doméstica na casa de Kinnear e Nancy (ATWOOD, 1996, p. 6).

Depois de passar um longo período no Asilo para Lunáticos em Toronto, Grace é considerada sã o suficiente para ser levada à Penitenciária, onde devido ao seu bom comportamento, passa a trabalhar na casa da mulher do governador da prisão durante uma parte do dia. Embora a mulher do governador aceite a presença de Grace em sua casa, ela conserva certo medo que Grace possa perder o controle outra vez e voltar a ter seus acessos de loucura (Idem, p. 24).

Nesse ambiente de desconfiança, a suposta assassina Grace Marks atrai a curiosidade da população e o interesse de vários médicos que desejam estudá-la e entender a sua mente. Eis porque um médico aparece para tirar a medida do seu crânio e relacioná-la com as de crânios de assassinos. No entanto, a personagem se desespera com a figura do médico e tem um ataque de histeria que só cessa quando a inspetora chefe do presídio lhe dá um tapa na cara. A inspetora diz à mulher do governador que Grace era propensa a tais ataques:

It's the only way with the hysterics, you may be sure Ma'am, said the Matron, we have had a great deal of experience with that kind of a fit, this one used to be prone to them but we never indulged her, we worked to correct it and we thought she had given it up, it might be her old trouble coming back, for despite what they said about it up there at Toronto she was a raving lunatic (ATWOOD, 1996, p. 30).²⁰

Esse trecho nos mostra que Grace, enquanto esteve em Toronto, sofria de problemas da mente, bem como já era comum, naquela época, o internamento visando o tratamento das pessoas atormentadas por tais problemas. Pois foi ainda antes do século XIX que a loucura adquiriu seu caráter de doença. A partir de então o acometido pela insanidade mental passou a ser isolado para ser tratado e curado. De acordo com Perrot (2001, p. 31):

A partir de meados do século XVIII, a questão de alienar os doentes mentais foi reforçada por uma crença na terapia e pelo sonho de chegar à cura dos mesmos. Os loucos deveriam ser segregados porque a rotina organizacional do Retiro lhes traria o bem-estar, a restauração de suas faculdades intelectuais e a retificação de seu comportamento anormal.

²⁰ É a única saída com as histéricas, você pode ter certeza, madame, disse a inspetora do presídio, nós temos muita experiência com esse tipo de acessos, esta costumava ser inclinada a tê-los, mas nós nunca desistimos, nós trabalhamos para corrigir isso e pensávamos que ela tinha melhorado, talvez seus acessos estejam voltando, porque apesar do que disseram a seu respeito lá em Toronto, ela era uma louca brava (minha tradução).

Ao final do século XVIII, o louco foi segregado do meio social, mas agora, tal ato não se pauta apenas em afastar a ameaça que o louco representa ao meio social, mas também em protegê-lo, de tratá-lo a fim de curá-lo de sua loucura. Segundo Silva (2005, p. 16):

A casa de internamento se transformará em asilo, espaço voltado para assistência médica dos insanos, agora vistos como doentes mentais, carentes de tratamento, apoio e remédios. Dominados pela figura do alienista, os asilos propõem-se a algo anteriormente impensável: a cura da alienação.

Antes de tudo, para que a discussão acima seja válida, é preciso saber que a histeria já era considerada um tipo de loucura desde o século XVIII. O século XVIII deixara para trás o antigo preceito de que a histeria estaria relacionada com a movimentação do útero no corpo feminino, onde esta movimentação irregular seria a causa de várias doenças no corpo da mulher, para a partir de então ser inserida no cenário da loucura. É o que nos diz Foucault (1978, p. 337):

E, coisa estranha, é no decorrer do século XVIII, sem que tenha havido uma transformação teórica ou experimental na patologia, que o tema vai bruscamente alterar-se, mudar de sentido — que uma dinâmica do espaço corporal vai ser substituída por uma moral da sensibilidade. É então, e somente então, que as noções de histeria e de hipocondria vão mudar de direção — e entrar definitivamente para o mundo da loucura.

Foucault (1978, p. 319) também diz que a mulher era mais propensa à histeria do que o homem, já que ao contrário deste, a anatomia feminina era considerada mais frágil. Para o autor, o diagnóstico de histeria era restrito à mulher, já que embora alguns homens pudessem ter os mesmos sintomas, quando o tinham eram diagnosticados com hipocondria e não histeria. Ele conclui então que não há diferença entre essas duas enfermidades, exceto a solidez espacial do corpo, já que a histeria acometeria corpos frágeis (corpo feminino), enquanto a hipocondria acometeria corpos sólidos (corpo masculino).

As observações acima, a respeito da histeria estão de acordo com a narrativa da obra *Alias Grace*. Como foi comentado no parágrafo acima, a própria Grace Marks é classificada como uma histérica durante algumas passagens da obra. Segundo a inspetora do presídio, Grace era propensa a ataques de histeria quando estava no

asilo, tais ataques exigem medidas fortes como um tapa na cara, por exemplo, este é o meio mais viável para lidar com as histéricas (ATWOOD, 1996, p. 30).

Nesse e em outros trechos da obra, podemos observar que a histeria já era pensada como um tipo de insanidade mental. Quando chega na parte que narra a morte de Mary Whitney, melhor amiga de Grace durante o tempo em trabalhou como doméstica na casa da Sra. Parkinson, ela desmaia ao ver o cadáver de sua amiga estirado na cama e acorda achando que é a própria Mary:

They said I lay like that for ten hours, and no one could wake me, although they tried pinching and slapping, and cold water, and burning feathers under my nose; and that when I did wake up I did not seem to know where I was, or what had happened; and I kept asking where Grace had gone. And when they told me that I myself was Grace, I would not believe them, but cried, and tried to run out of the house, because I said that Grace was lost, and had gone into the lake, and I needed to search for her. They told me later they'd feared for my reason, which must have been unsetled by the shock of it all (ATWOOD, 1996, p. 180).²¹

Como se vê, a personagem passa por um grande trauma, por isso desmaia e quando acorda não lembra quem é. A citação acima nos mostra uma relação entre os ocorridos com uma possível insanidade mental de Grace, já que as pessoas presentes relacionam o desmaio, amnésia com um possível comprometimento da sua sanidade mental. Tal modo de pensar advém de pessoas comuns que, utilizando do senso comum, relacionam os sintomas de Grace com a loucura.

No entanto, mais a frente, na narrativa, podemos ver a visão científica da passagem acima através do Dr. Simon Jordan que classifica o ocorrido como perda de memória e “and during a normal-enough fit of hysterics”²² (Idem, p. 201). Ora, se tal acontecimento é visto como uma indicação de loucura, e esse mesmo acontecimento é classificado como um ato de histeria, então podemos deduzir que a histeria já era pensada como um tipo de loucura, pelo menos pela sociedade em geral.

Voltando a discussão sobre a inferioridade física e mental da mulher, podemos perceber que esse modo de pensar vai ser usado para reforçar os papéis de gênero

²¹ Eles disseram que fiquei inconsciente por horas, e ninguém conseguia me acordar, embora tivessem tentado através de beliscos e tapinhas, e água gelada, e queimando penas sob meu nariz, e quando eu acordei eu não parecia lembrar onde eu estava ou o que tinha acontecido; e eu ficava perguntando onde Grace tinha ido. E quando eles me disseram que eu mesma era Grace, eu não acreditei, mas chorei, e tentei fugir correndo, porque eu disse que Grace se fora, e tinha caído no lago, e que eu precisava procurá-la. Eles me disseram que temeram pela minha sanidade mental, que devia ter sido prejudicada pelo choque (minha tradução).

²² “E durante um ataque de histeria bem normal” (minha tradução).

dentro da sociedade patriarcal. Como foi visto no capítulo que tratamos sobre as questões de gênero: a mulher era dominada pelo sistema patriarcal que ditava seu modo de vestir, ser e agir. A mulher era vista como o “sexo frágil”, por isso precisava se adequar aos padrões ditados pelo modelo masculino. Para Silva (2005, p. 88):

A contraposição entre a racionalidade e a sensibilidade levou a uma oposição entre homens e mulheres, enquadrados em modelos rígidos nos quais as mulheres passaram a ser vistas como seres cujo exercício da razão era deficiente, quando não inexistente: definida como emocional em contraposição ao homem racional, a mulher passou a ser tida como algo a ser controlado e submetido a extrema observação para que seu descontrole não afetasse a organização da nova sociedade. A razão feminina não tinha autonomia, justamente por ser frágil, fraca e limitada. Caberia aos homens reeducar as mulheres, seres de paixões desenfreadas e sem limites, preparando-as para um novo papel social no qual sua dependência do masculino seria constante, pois a mulher não poderia caminhar sozinha.

A mulher, então, era vista como dócil, de aspectos mentais e físicos deficientes e por essa razão era mais suscetível a desenvolver doenças mentais. Devido a essa natureza deficiente, ela não poderia ser submetida a muitas pressões como aquelas atividades ligadas ao meio público, então deveria se restringir a esfera doméstica sob a tutela e observação constante do marido. Segundo Machado (2009, p. 9):

Existia, portanto, uma concepção de mulher ideal, um papel pré-estabelecido na sociedade. Qualquer tentativa de negá-lo ou transgredi-lo seria tratado como “loucura”, pois a transgressão atingia a própria natureza da mulher, além das normas sociais. Assim estabeleceu-se a relação entre a loucura e a submissão feminina, construída a partir do poder masculino, pertinente a sociedade patriarcal.

Em vista disso, podemos notar que os papéis de gênero estão intrinsecamente relacionados as questões de insanidade mental da mulher. Uma vez que o sistema patriarcal se utilizava dessa ferramenta como meio de ditar a maneira que uma mulher deveria se comportar, bem como as atividades que deveria realizar na sociedade. As mulheres deveriam seguir o padrão de “mulher ideal” e aquela que não cumprisse seu papel social de mulher, desempenhando atividades ditas femininas, poderia ser diagnosticada como sendo louca, uma vez que fugir do seu papel de mulher significaria ir contra a sua “própria natureza”, o que poderia ser visto como loucura. Ainda a esse respeito:

Os modelos de feminilidade do final do século XIX baseados na biologia diziam que as mulheres que saíssem da norma padeceriam de alguma patologia. Encarada como desviante e patológica, na medida em que contrariava uma lei natural, um exercício livre da sexualidade tornava-se objeto de intervenção médica (SILVA, 2005, p. 103).

Esses pensamentos são compartilhados em *Alias Grace*, no diálogo entre Dr. Simon Jordan e Lydia (filha da mulher do governador) podemos perceber como a mulher era vista como um ser de natureza anatômica e mental fracas e que, por isso, não deveria se submeter a situações que forçassem demais seu corpo. Nesse diálogo, Simon ao falar com Lydia sobre a quantidade de pessoas que foram assistir a execução de James McDermott diz: “Women should not attend such grisly spectacles. They pose a danger to their refined natures”²³ (ATWOOD, 1996, p. 87).

Lydia parece não concordar que as mulheres tenham uma natureza mais frágil do que as dos homens, mas como sabe dos perigos de ir contra os padrões de feminilidade, só ousa questionar com um tom de incerteza, usando como exemplo uma mulher de natureza forte dita uma heroína. There are people who say that Miss Florence Nightingale does not have a refined nature, or she would not have been able to witness such a degrading spectacles without impairing her health. But she is a heroine”²⁴ (Idem, p. 87).

O exemplo utilizado por Lydia, claramente, não representa a maioria das mulheres, mas uma minoria que tiraram suas correntes para serem aquilo que quisessem ser, essas são tão raras que são descritas pela personagem como uma “heroína. ” No entanto, não era assim que a população, em geral, enxergava as mulheres. Em um diálogo entre o personagem Dr. Dupont e Dr. Jordan, fica evidente que na visão da maioria da população da época, a mulher era considerada mais frágil do que o homem:

Dr. DuPont __ but you will go so far to admit that women in general have a more fragile nervous organization, and consequently a greater suggestibility?

__Perhaps, says Simon. Certainly it is generally believed (Idem, p. 301).²⁵

²³ “As mulheres não deveriam frequentar espetáculos tão horríveis. Eles podem comprometer suas naturezas refinadas” (minha tradução).

²⁴ “Há pessoas que dizem que a senhorita Florence Nightingale não tem uma natureza refinada, se tivesse ela não seria capaz de testemunhar tais espetáculos degradantes sem comprometer sua saúde” (minha tradução).

²⁵ Dr. DuPont _mas você ousaria admitir que as mulheres, em geral, têm uma organização nervosa mais frágil e, consequentemente, são mais sugestionáveis?

_Talvez, diz Simon. Certamente, este é o pensamento amplamente generalizado (minha tradução).

A mulher não era bem-vinda nas atividades ligadas ao meio público, mesmo quando apresentava aptidão para determinados cargos. Segundo as palavras do personagem Sr. MacKenzie (advogado de Grace durante o julgamento): Grace “has nervers like Flint. She’d have made a good lawyer, if a man”²⁶ (Idem, p. 376). Fica claro, nas palavras do personagem acima que Grace, embora apresentasse as características necessárias para ser uma excelente advogada, não cogita a hipótese que ela pudesse, de fato, desempenhar tal função, pelo simples fato desse trabalho não ser uma atividade ligada ao sexo feminino.

Esta obra nos mostra que de fato havia um padrão de mulher ideal a ser seguido dentro da sociedade e aquela que por ventura ousasse ignorá-lo poderia facilmente ser taxada com algum tipo de doença mental. Um excelente exemplo a esse respeito se dá no caso das prostitutas, pois elas já foram mulheres direitas que seguiam as normas da sociedade, mas em algum momento das suas vidas, devido alguma necessidade, desejo ou outra razão, se tornaram prostitutas e passaram a viver à margem da sociedade, por isso são vistas como loucas. O personagem Dr. DuPont ao conversar com Dr. Jordan diz que “the view held by some o four some of our European colleagues, that the penchat for it is a form of insanity. They link it to hysteria and neurasthenia” (Idem, p. 301).²⁷

Como pode ser visto, a mulher daquele período histórico poderia ser classificada como louca por vários motivos que não precisavam ser dos mais elaborados ou científicos. É o que nos mostra o personagem Dr. Jordan ao dizer que “if women are seduced and abandoned they’re supposed to go mad, but if they survive, and seduce in their turn, then they were mad to begin with”²⁸ (Idem, p. 301). Esse trecho da obra, mostra a facilidade de uma mulher ser julgada louca, o que nos sugere, novamente, que o sexo feminino tinha uma predisposição genética às doenças mentais, já que não importava se ela era abandonada ou se sobrevivia ao abandono e seduzia uma outra pessoa, em ambos os casos seu destino era o desatino.

Outro trecho importante da obra que corrobora para o pensamento de que a loucura feminina estava profundamente ligada aos papéis de gênero feminino se dá

²⁶ “Grace tem nervos de aço. Ela daria um ótimo advogado. Se fosse homem” (minha tradução).

²⁷ “O ponto de vista defendido por alguns dos nossos colegas europeus é de que a inclinação para isso é algum tipo de insanidade mental. Eles a relacionam com a histeria e a neurastenia” (minha tradução).

²⁸ “Se as mulheres são seduzidas e abandonadas, espera-se que fiquem loucas, mas se sobrevivem e seduzem, então elas eram loucas desde o princípio” (minha tradução).

quando a mulher do governador comenta sobre o receio que sente de Grace voltar a ter os acessos de loucura que costumava ter quando estava no asilo, segundo ela: “sometimes she talks to herself and sings out loud in a most peculiar manner”²⁹ (ATWOOD, 1996, p. 24). Nancy tem o mesmo receio a respeito de Grace, neste trecho narrado pela própria Grace:

“She (Nancy) said there was something about me that made her quite uneasy, and she wondered whether I was quite right, as she’d several times heard me talking out loud to myself. Mr. Kinnear laughed, and said that was nothing – he often talked to himself, as he was the best conversationalist he knew; and I was certainly a handsome girl, as I had a naturally refined air and a very pure Grecian profile, and that if he put me in the right clothes and told me to hold my head high and keep my mouth shut, he could pass me off for a lady any day” (Idem, p. 278-79).³⁰

Em ambas as situações, tanto a mulher do governador quanto Nancy nos sugerem que o ato de falar sozinho não é algo apropriado para uma mulher, aparentemente, esse ato forje daquele padrão feminino preestabelecido, sendo assim, pode ser facilmente taxado como um ato de insanidade mental. Vale frisar, que por outro lado, o ato de falar sozinho parece ser perfeitamente normal para pessoas do sexo masculino. O personagem Sr. Kinnear, ao tentar mostrar a naturalidade do ato de Grace, acaba por reforçar a relação entre papéis de gênero e loucura, ele deixa transparecer que uma mulher que apresenta comportamentos inapropriados precisará compensar tal deficiência usando as roupas certas, apresentando a postura correta, enfim, ser uma verdadeira dama para não ser enquadrada no âmbito da loucura.

De acordo com Harper (2014, p. 11), havia um leque de doenças mentais que eram constantemente relacionadas com o gênero feminino, entre elas estavam: a anorexia nervosa, a ninfomania, insanidade pueril, histeria, neurastenias, *shell-shock*, desordem das múltiplas personalidades. Para a autora, os diagnósticos dessas doenças no corpo feminino ajudavam a reforçar os valores culturais vigentes, bem como as questões de gênero. Ora, se a mulher tinha uma predisposição a tais doenças neurológicas e mentais, isso acabava por comprovar a fragilidade do sexo feminino e

²⁹ “Às vezes, ela fala sozinha de uma maneira bem estranha” (minha tradução).

³⁰ Ela (Nancy) disse que há alguma coisa a meu respeito que a incomoda muito, e que ela se pergunta se eu batia bem da cabeça, já que por diversas vezes, me ouvi falando em voz alta comigo mesma. O senhor Kinnear sorriu e disse que que isso não era nada demais – ele mesmo, frequentemente, falava sozinho, já que ele era o melhor conversador que ele conhecia; e eu certamente era uma garota bonita, visto que eu tinha uma natureza refinada e um perfil grego genuíno, e que se me desse as roupas adequadas e mantivesse minha cabeça elevada e minha boca fechada, eu poderia me passar por uma dama a qualquer hora (minha tradução).

por isso ela deveria preservar sua energia se afastando de qualquer coisa que compromettesse sua natureza frágil.

Of course, Victorian scientists also argued that women needed their energy for reproduction, and any extra energy spent on intellectual pursuits—or anything else outside of the domestic sphere—would drive them to nervous exhaustion” (Idem. p. 21).³¹

Em vista disso, esses diagnósticos funcionavam como um meio de ditar os papéis do gênero feminino, pois ao comprovarem que a mulher tinha uma natureza física e mental inferior à do homem, ela deveria se poupar desempenhando atividades mais leves, como aquelas atividades da “esfera doméstica”, só assim ela evitaria desenvolver doenças como a histeria. Esse modo de pensar fazia com que a mulher fosse mais acometida do que o homem pela histeria. E embora “some doctors diagnosed men with hysteria as well, by far the majority of hysterical patients were women”³² (HARPER, 2014, p. 20).

De maneira semelhante, pudemos constatar algumas dessas doenças típicas do sexo feminino nesta obra, como foi visto nos parágrafos anteriores, as prostitutas ao descumprirem aquilo que era esperado de uma mulher logo eram inseridas no cenário da histeria ou neurastenia (ATWOOD, 1996, p. 301). Com exceção desse trecho da obra, não pudemos identificar outros trechos da obra que comprovassem que os diagnósticos das enfermidades acima eram destinados principalmente ao sexo feminino, entretanto, o fato de não termos encontrado passagens que relacionassem tais doenças com o sexo masculino já nos diz muito a respeito da tendência de diagnósticos.

Além da histeria e neurastenia, havia um outro mal que estava presente na Era Vitoriana (1837-1901), ele era chamado de desordem da personalidade múltipla. Esta enfermidade estava associada à histeria e por consequência também à mulher. Segundo Cabtree (p. 320 apud HARPER, 2014, p. 22):

Another category of mental illness associated with hysteria in the Victorian and Modern periods was multiple personality disorder (MPD). Physicians in

³¹ É claro, os cientistas vitorianos também argumentavam que as mulheres precisavam das suas energias para o momento da reprodução, e que qualquer energia extra desperdiçada com atividades intelectuais – ou qualquer outra fora da esfera doméstica – as direcionariam à exaustão nervosa (minha tradução).

³² “Alguns médicos também diagnosticavam homens com histeria, mas de longe, a grande maioria dos pacientes históricos eram mulheres” (minha tradução).

various western countries discovered that when hysterics were placed under hypnosis, alternate personalities could appear. Although the earliest known cases of MPD occurred in 1791, MPD was reported with increasing frequency towards the end of the following century.³³

Como se vê, esta foi uma doença mental bastante frequente durante todo século XIX e XX, que costumava se mostrar quando a mulher era submetida a hipnose. De acordo com Janet (CABTREE, p. 320 apud HARPER, 2014, p. 22), a desordem da personalidade múltipla surgia como uma estratégia da mente para fugir de memórias consideradas muito traumáticas, que o indivíduo não conseguia lidar. Com este propósito, novas personalidades inconscientes apareciam causando alterações nas “perceptions, emotions, and actions of the individual in such a way that the normal personality feels at odds with himself or herself, subject to phobias, compulsions, hallucinations, and other symptoms for which there is no apparent explanation.”³⁴

O mesmo sucede em *Alias Grace* de maneira similar a descrição histórica acima. Quando Grace é hipnotizada pelo Dr. Dupont e está em estado hipnótico, Mary Whitney falando através do corpo de Grace Marks, afirma que durante os assassinatos de Thomas Kinnear e Nancy Montgomery, ela havia tomado o corpo de Grace e participado dos assassinatos deliberadamente, ela mesma, e não Grace, havia incitado James McDermot a assassinar Nancy. Há, então, uma segunda personalidade no corpo de Grace que atua nos momentos mais sombrios da narrativa, provavelmente, a fim de livrar Grace daquelas memórias traumáticas que ela afirma ter esquecido.

O que, até este momento da obra, só havia sido apresentado através de indícios, agora mostra a sua real faceta. Mary Whitney e Grace Marks dividem o mesmo corpo e mente. Grace parece sentir até mesmo o sentimento de estranhamento consigo mesma típico deste transtorno mental:

³³ Uma outra categoria de doença mental associada com a histeria na Era Vitoriana e no período moderno era a desordem da personalidade múltipla (MPD). Os médicos de vários países do ocidente descobriram que quando as histéricas eram colocadas em estado hipnótico, personalidades alternativas apareciam. Embora o caso mais recente de MPD tenha ocorrido em 1791, MPD foi cada vez mais reportado até o fim do século XX (minha tradução).

³⁴ Percepções, emoções e ações do indivíduo de tal modo que o indivíduo sente um estranhamento consigo mesmo, ficando sujeito a fobias, compulsões, alucinações e outros sintomas que não há explicação aparente (minha tradução).

It is a strange thing, but however deeply asleep I may be, I can always sense when there is a person come close, or watching me. It's as if there is a part of me that never sleeps at all, but keeps one eye a little open; and when I was younger I used to think this was my guardian angel (ATWOOD, 1996, p. 261).³⁵

Após a sessão de hipnose as pessoas presentes estavam perplexas, então o reverendo Verringer, Dr. DuPont e Dr. Simon Jordan começam a considerar hipóteses que justifiquem o que eles acabaram de testemunhar (Idem. 426-7). Para o Dr. DuPont, o ocorrido se enquadra nos estudos de consciência dupla de Walkley, do Lancet:

Wakley of The Lancet has written extensively on the phenomenon; he calls it double consciousness, although he emphatically rejects the possibility of reaching the so-called secondary personality through Neuro-hypnotism, as there is too much chance of the subject's being influenced by the practitioner (Idem, p. 405).³⁶

O Dr. Jordan, concorda com a linha de raciocínio do Dr. Dupont, ele defende que o ocorrido está de acordo com a teoria do *dédoublement*:

_ Puysegeur describes something of the sort, as I recall. It may be a case of what is known as *dédoublement* – the subject, when in a somnambulistic trance, displayed a completely different personality than when awake, the two halves having no knowledge of each other" (Idem, p. 406).³⁷

Como se vê, ambos os personagens chegam a pensar que Grace Marks possui outra personalidade. O motivo que os levaram a classificar o ocorrido como tal, certamente está ligado aos estudos e trabalhos do século XIX, já que eles citaram estudiosos daquele mesmo século para defender seus pontos de vista. Até mesmo a ideia de possessão, sugerida pelo Reverendo Verringer, é apresentada fazendo

³⁵ É uma coisa estranha, mas não importa o quão profundo eu durma, eu sempre posso senti quando alguém se aproxima ou me observa. É como se houvesse uma parte de mim que nunca dorme, mas mantém os olhos um pouco abertos. Quando eu era pequena eu costumava pensar que se tratava do meu anjo da guarda (minha tradução)

³⁶ Wakley of The Lancet escreveu extensivamente sobre o fenômeno; ele chama isso de consciência dupla, embora ele enfaticamente rejeite a possibilidade de atingir a tal personalidade secundária através do neuro-hipnotismo, pois há uma grande chance do paciente ser influenciado pelo praticante (minha tradução).

³⁷ _ Puysegeur descreve algo do tipo, como me lembro. Pode ser um caso que é conhecido de *dédoublement* – o paciente, quando em estado sonambúlico, revela uma personalidade completamente diferente de quando acordado, uma metade não tem conhecimento da existência da outra" (minha tradução).

referência a Idade Média e não ao século XIX (Idem, p. 430). A este respeito, Braga (2013, p. 47) afirma que:

Séculos mais tarde, na Idade Média, com o apogeu do Cristianismo, a histeria passa a ser entendida como uma manifestação demoníaca – destituindo-se a abordagem médica da doença -, e tornando urgente seu extermínio, inclusive o da própria palavra: todas as mulheres que ousavam desafiar as doutrinas religiosas repudiando o prestigioso “em nome do pai” ou que expressavam prazer sexual causando a sufocação da matriz estavam “possuídas” pelo demônio. Bruxas, feiticeiras, estas eram as denominações concedidas às histéricas, punidas com a morte, depois de muito sofrimento.

O acontecimento acima indica um forte comprometimento com a verdade histórica por parte da autora Margaret Atwood ao escrever esta obra. Entretanto, isso não significa dizer que Grace de fato apresentasse uma dupla personalidade, o próprio Dr. Simon Jordan, mais tarde, se pergunta a respeito da veracidade do ocorrido: “What happened in the library? Was Grace really in a trance, or was she play-acting, and laughing up her sleeve? He knows what he saw and heard, but he may been shown an illusion, which he cannot prove to have been one”³⁸ (ATWOOD, 1996, p. 407). Talvez, ela tenha fingido ser hipnotizada a fim de libertar-se da prisão, o que não desmerece as considerações feitas até o momento, já que sua suposta atuação estava de acordo com o saber psiquiátrico daquele período histórico, por isso conseguiu enganar a maioria das pessoas presentes.

Através das discussões acima, pudemos constatar algumas verdades históricas a respeito da loucura feminina, bem como doenças mentais que eram tipicamente relacionadas ao sexo feminino. Como foi anteriormente constado, em *Alias Grace* era pensado que a mulher realmente tinha uma constituição biológica inferior à do homem, por isso estaria mais inclinada a desenvolver as doenças da mente, o sistema patriarcal se utilizava deste pensamento como uma estratégia de ditar os papéis sociais da mulher e o fazia com a premissa de estarem a protegendo de possíveis danos no seu corpo delicado.

Sempre que Grace termina o seu trabalho na casa do governador da prisão ela volta para a sua cela solitária da prisão, lá a personagem tem muito tempo livre para pensar sobre a vida. Certo dia, ela considera fazer algumas travessuras contra os

³⁸ “O que aconteceu na biblioteca? Grace estava realmente em transe ou ela estava fingindo, e sorrindo pelas costas dele? Ele sabe o que viu e ouviu, mas ele pode ter sido apresentado à uma ilusão, que ele não pode provar ter acontecido (minha tradução).”

funcionários da prisão, mas logo se contém, já que, para eles, isso seria uma indicação do seu estado de insanidade mental:

If I did them, they would be sure I had gone mad again. *Gone mad* is what they say, and sometimes run mad, as if mad is a direction, like west; as if mad is a different house you could step into, or a separate country entirely. But when you go mad you don't go any other place, you stay where you are. And somebody else come in (Idem, p. 33).³⁹

Isso nos evidencia que uma das características da loucura era um desvio no modo de pensar e agir aceito como normal pela maioria das pessoas e que um leve desvio nesse comportamento já seria suficiente para se suspeitar de insanidade mental.

Mais uma vez, em *Alias Grace*, podemos perceber nas palavras do personagem Sr. MacKenzie que o diagnóstico de loucura poderia ser motivado por um comportamento inapropriado, mal visto pela população em geral. Segundo o personagem, quando Grace Marks apareceu vestida com as roupas da mulher assassinada, ele poderia ter usado esse fato “as evidence of an innocent and untroubled conscience, or, even better, of lunacy”⁴⁰ (Idem, p. 375). Tal maneira de pensar a loucura está de acordo com os pensamentos de estudiosos da mente do século em questão, tais como Pinel e Esquirol, que diziam ser a loucura uma insânia caracterizada pela desorganização do pensamento aceito como normal pela sociedade (FOUCAULT, 1978).

Ainda sobre essa questão, para Perrot (2001, p. 26) “a concepção teórica de Pinel concebe a loucura como um comprometimento ou lesão fundamental do intelecto e da vontade, que se manifesta no comportamento dos indivíduos sob as mais variadas formas”. Sendo assim, qualquer comportamento que se diferenciasse do comportamento amplamente aceito como normal pela população em geral poderia ser classificado como loucura. Segundo Angel (p. 132 apud SILVA, 2005, p. 29):

A anormalidade atingiu um espectro cada vez mais amplo, “tornando ilimitadas as possibilidades de rotulação das mais variadas condutas,

³⁹ Se eu as fizesse, eles teriam certeza que eu fiquei louca de novo. Ficar louca é o que eles dizem, e às vezes ficar maluca, como se a loucura fosse uma direção, tal como o Oeste; como se fosse uma casa diferente que você pudesse simplesmente entrar, ou um país inteiramente isolado. Mas quando você fica louco, você não vai a lugar nenhum, você fica exatamente onde está. E outra pessoa entra (minha tradução).

⁴⁰ “Como evidência de uma consciência inocente e despreocupada, ou ainda melhor, de insanidade” (minha tradução).

individuais e coletivas, como “anormais”, abrindo-se a possibilidade de enquadramento de qualquer comportamento atípico na categoria de loucura.

Em vista disso, muitos comportamentos e ações poderiam indicar doenças mentais. Eis porque, quando Grace Marks estava no asilo, ela se queixa com as supervisoras a respeito de uma lunática que havia tentando batizá-la jogando sopa na sua cabeça, no entanto, quando elas demonstram desdém para com a situação, Grace fica com muita raiva e grita escandalosamente dizendo que não tinha feito nada de errado, que o ocorrido não era sua culpa. Tal comportamento leva as supervisoras a considerarem Grace “mad as a snake”⁴¹ (ATWOOD, 1996, p. 32). Este trecho nos mostra, mais uma vez, que a loucura estava extremante relacionada a um comportamento desviante que forje do daquilo que é considerado normal, mas também indica um desconhecimento, por parte dos psiquiatras, do que fosse de fato a loucura, já que tal diagnóstico da loucura era muito brando.

De fato, ainda no século XIX, muito pouco se sabia a respeito do que era a loucura e como distingui-la das simulações. Mas para que isso fosse possível, primeiramente, era necessário entender a própria natureza da loucura, suas características, sintomas, causas, aquilo que a delimitasse como tal. O psiquiatra até conseguia identificar a insanidade na mente de um indivíduo, mas só o fazia pela comparação entre o indivíduo normal com aquele acometido por problemas mentais, enquanto isso, a real natureza da loucura permanecia um mistério (GARCIA-ROSA, 2009, p. 30).

Em *Alias Grace*, esta dúvida a respeito do que seja realmente a loucura aparece em diversas passagens da obra através de ideias, indagações e pensamentos divergentes. Segundo o personagem Dr. Simon Jordan ao indagar-se sobre essa questão diz: “But what is the mechanism? For there must be one. Is the clue to be found in the nerves, or in the brain itself? To produce insanity, what must first be damaged, and how?”⁴² (ATWOOD, 1996, p.157)? Em outra passagem, a própria Grace questiona o conhecimento da psiquiatria ao dizer:

“They wouldn’t know mad when saw it in any case, because a good portion of the women in the Asylum were no madder than the Queen of England.

⁴¹ “Louca como uma cobra” (minha tradução).

⁴² Mas qual é o mecanismo? Porque deve existir um. O segredo está nos nervos ou no próprio cérebro? Para produzir a insanidade mental, o que deve ser danificado primeiro e como? (minha tradução).

Many were sane enough when sober, as their madness came out of a bottle, which is a kind I knew very well. One of them was in there to get away from her husband, who beat her black and blue, he was the mad one but nobody would lock him up (Idem. p. 31).⁴³

Como se pode observar nas citações acima, apesar dos grandes avanços da psiquiatria do século XIX, ainda persistia uma grande dúvida a respeito do seu objeto de estudo, a loucura. Tal grau de incerteza a respeito do que vinha a ser de fato a loucura, está em conformidade com o cenário da psiquiatria do século XIX. No entanto, o conhecimento a respeito da insanidade mental ainda viria a se expandir muito naquele mesmo século, com os estudos de grandes teóricos.

De acordo com Garcia-Rosa (2009, p. 32), durante o século XIX, as doenças estavam divididas em dois grandes grupos: de um lado estavam as doenças cujo os sintomas apresentavam uma regularidade passível de identificá-las, sendo que seus sintomas correspondiam a um dano no corpo e podiam ser classificados pela anatomia patológica, do outro lado estavam as neuroses cujo os sintomas não apresentavam uma regularidade satisfatória para o seu diagnóstico e também não se podia encontrar correspondências com danos anatômicos.

Os defensores da ideia que a loucura advinha de lesões orgânicas no sistema nervoso central, eram nomeados de organicista, por outro lado os que acreditavam que além de uma lesão orgânica, a loucura era resultado de fatores morais, como era o caso de Pinel e Esquirol, eram chamados de alienistas. Entre esses dois modos de encarar a origem da loucura cresceu a psiquiatria até a metade do século XIX (SILVA, 2005, p. 25).

A presente obra também apresenta esse impasse a respeito das possíveis causas da loucura. O personagem Dr. Simon Jordan se questiona a respeito da origem desta enfermidade dizendo: “But what is the mechanism? For there must be one. Is the clue to be found in the nerves, or in the brain itself? To produce insanity, what must first be damaged, and how”⁴⁴ (ATWOOD, 1996, p. 72)? Nas palavras do personagem, podemos perceber que ainda haviam muitas dúvidas quanto a natureza

⁴³ De qualquer modo, eles não saberiam identificar a loucura quando a vissem, porque uma boa parte das mulheres no asilo não eram mais loucas do que a rainha da Inglaterra. Muitas eram sãs o suficientemente quando sóbrias, uma vez que a loucura delas vinha de uma garrafa, do tipo que eu conhecia muito bem. Uma delas estava lá para fugir do marido que a espancava, ele era o louco mas ninguém ousaria prendê-lo no asilo (minha tradução).

⁴⁴ Mas qual é o mecanismo? Porque deve existir um. O segredo está nos nervos ou no próprio cérebro? Para produzir a insanidade mental, o que deve ser danificado primeiro e como? (minha tradução)

da loucura, como foi anteriormente comentado, mas também nos mostra que a causa da loucura estaria relacionada a danos anatômicos, o que, mais uma vez, está em conformidade com as teorias psiquiátricas do século XIX.

Estudiosos do século XIX, como era o caso de Pinel, “acreditava ser possível encontrar a base física da doença mental em transtornos físicos no cérebro” (SILVA, 2005, p. 18). Esse pensamento, a princípio, era compartilhado por Charcot, mas logo foi superado pela ideia de que a histeria, “apesar da ausência de um referencial anatômico, apresentava aos seus olhos uma sintomatologia bem definida, obedecendo a regras precisas (GARCIA-ROSA, 2009, p. 32). Desse modo ele podia distinguir o que era histeria e o que era simulação.

A ânsia em entender e tratar o fenômeno da histeria acabou por motivar a utilização da hipnose como um dos principais meios de análise e tratamento da mesma. No entanto, a utilização da técnica de hipnose com o fim de estudar e tratar a histeria veio a se torna mais usual nas últimas décadas do século XIX com o teórico Charcot. Segundo Garcia-Rosa (2009, p. 32-33):

Ao produzir a separação da histeria com respeito à anatomia patológica, Charcot a introduz no campo das perturbações fisiológicas do sistema nervoso, e em função disso procura novas formas de intervenção clínica, dentre as quais a hipnose vai se constituir na mais importante. Durante algum tempo, Charcot realizou estudos no sentido de mostrar que a hipnose envolvia mudanças fisiológicas no sistema nervoso, o que a aproximava da histeria.

A hipnose começou a se difundir ainda na metade do século XIX, após o mesmerismo perder a credibilidade, surge a hipnose de James Braid. Esta técnica, ao contrário do mesmerismo, não envolvia imas, fluido magnético no corpo ou ainda habilidades extraordinárias daquele que realizava a hipnose. No entanto, para que a hipnose pudesse ocorrer, o paciente precisava apresentar um “estado físico e psíquico” favorável. A partir do momento que o “efeito hipnótico” começa, o médico tem total controle do corpo e mente do paciente, tal controle pode ser usado para o tratamento e “domesticação” dos sintomas. Mais tarde, Charcot se baseia nas teorias de Braid para tecer as suas próprias teorias (GARCIA-ROSA, 2009, p. 32).

Em *Alias Grace*, não é diferente, por volta dos anos 70, após vários médicos terem tentado entender o funcionamento da mente de Grace, ainda pairava o mistério da sua insanidade ou sanidade, da sua inocência ou culpa pelos os assassinatos de

seus empregadores. Eis então que surge o personagem Dr. Dupont, um alfaiate que se passando por um médico conhecedor das técnicas da hipnose, se propõe a hipnotizar Grace Marks a fim de resgatar as memórias dos assassinatos e entender o funcionamento da sua mente, embora este personagem não seja de fato um médico, ele, fazendo uso das técnicas da hipnose difundidas na época consegue enganar todas as pessoas a sua volta, inclusive Dr. Simon Jordan se ver inclinado a acreditar no que viu.

No entanto, embora o Dr. Simon Jordan tenha se impressionado com aquela sessão hipnótica e “he is still quite unsettled, and unsure of his intellectual ground”⁴⁵ (Idem, p. 406). Ele tenta ao máximo manter uma postura científica perante o ocorrido, já que a hipnose ainda não era amplamente aceita naquela época, o que pode ser percebido no diálogo entre o Reverendo Verringer e Dr. Jordan (Idem, p. 406):

Dr. Jordan, says Reverend Verringer, ignoring this theological challenge, what will you say about this, in your report?” Surely the evening’s proceedings are scarcely orthodox, from a medical point of view.

I shall have to consider my position, says Simon, very carefully. Although you do see that if Dr. DuPont’s premise is accepted, Grace Marks is exonerated.⁴⁶

Como pode ser visto neste diálogo, as técnicas de hipnose ainda não eram bem aceitas pela comunidade científica que, nessa passagem da obra, é representada pela figura do personagem Dr. Simon Jordan. De fato, naquele período histórico, havia uma certa relutância contra as técnicas da hipnose, relutância essa, que seria drasticamente reduzida com o surgimento dos estudos de Charcot e posteriormente, os estudos de Freud. No entanto, fica claro que após meadas do século XIX, no período histórico narrado em *Alias Grace*, já havia a tendência de se usar a hipnose como uma forma de tratar a histeria.

A constatação do uso da hipnose para tratar a histeria fica mais evidente na narrativa de *Alias Grace* nas palavras do personagem Dr. DuPont, para quem, os procedimentos da hipnose: “they are more useful in hysterical cases, than in others, of course; they cannot do much for a broken leg. But in cases of amnesia’ – they have

⁴⁵ “Ele ainda está muito inseguro e incerto quanto ao seu terreno intelectual” (minha tradução).

⁴⁶ Dr. Jordan, diz o reverendo Verringer, ignorando as questões teológicas, o que você dirá sobre isso, em seu relatório? Certamente os procedimentos desta noite não são muito ortodoxos, do ponto de vista médico. Eu terei que considerar minha posição, diz Simon, muito cuidadosamente. Embora você deva saber que se a premissa do dr. DuPont for aceita, Grace Marks está exonerada (minha tradução).

frequently produced astounding, and, I may say, very rapid results”⁴⁷ (ATWOOD, 1996, p. 95).

No final do século XIX, Charcot ao desvincular a histeria da anatomia patológica, possibilitou a quebra de vários preceitos a respeito da mulher e da sua predisposição à loucura. Seus estudos contribuem para o rompimento daquele pensamento de mulher frágil e com predisposição a insanidade mental que foi constado neste trabalho de pesquisa. Segundo Charcot, a histeria não era uma doença exclusivamente feminina, mas que pessoas do sexo masculino também podiam ser acometidos pela enfermidade. Com a hipnose, ele “livra seus pacientes de pensamentos mórbidos, os quais poderiam ocasionar manifestações físicas” (BRAGA, 2013, p. 49). No entanto, não é do interesse deste trabalho de pesquisa se aprofundar nas teorias deste autor, uma vez que seus estudos subsequentes forjem do período de análise deste trabalho.

Através da comparação entre história e literatura pudemos notar um forte comprometimento com a verdade histórica por parte da escritora canadense Margaret, isso fica nítido considerando o fato que quase todos os trechos trabalhos neste capítulo puderam ser relacionados com seus respectivos períodos histórico, o que na medida do possível sugere a sua veracidade.

Todas as observações feitas neste capítulo nos possibilitaram traçar considerações muito valiosas a respeito da loucura, tais como seus possíveis diagnósticos, as principais doenças mentais que eram frequentemente diagnosticadas nas mulheres, bem como entender a um pouco sobre o fenômeno da histeria e as técnicas de hipnose que já eram amplamente difundidas naquela época.

A partir dessas discussões ficou evidente que a mulher era considerada mais propensa do que o homem a desenvolver as doenças da mente, tal modo de pensar, utilizado pelo sistema patriarcal, tinha a função principal de obrigar a mulher a desempenhar o seu papel social, uma vez que se desprender deste sistema para tentar ser algo diferente daquilo que o patriarcado ditava significaria ir contra a sua própria natureza feminina, o que poderia ser visto como loucura.

⁴⁷ “Eles são mais úteis em casos de histeria do que em outros, é claro; eles não podem fazer muito por uma perna quebrada. Mas em caso de amnésia – eles frequentemente têm produzido espantosos, e talvez, resultados bem rápidos” (minha tradução).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve quatro objetivos, sendo três específicos e um geral. Nosso primeiro objetivo foi verificar a narração de fatos históricos no texto literário. Depois dos estudos feitos, constatamos que a autora Margaret Atwood ao ficcionalizar documentos históricos que carregavam opiniões contrastantes sobre os principais assuntos trabalhados na narrativa, resulta em uma narrativa literária também contrastante que nos possibilita diferentes entendimentos a respeito da sanidade ou loucura da personagem principal, Grace Marks, se ela era vítima ou cúmplice dos assassinatos, ingênua ou demoníaca entre outros assuntos. O que nos parece ter sido uma estratégia utilizada pela autora de modo a mostrar os diferentes pontos de vistas de uma mesma história. Sendo que, esses documentos históricos são apresentados no início de cada capítulo e a ficcionalização dos mesmos ocorre de maneira não cronológica, podendo ser antes ou depois do seu respectivo fato histórico.

No segundo capítulo verificamos como se dá a construção identitária da personagem Grace Marks levando em consideração os fatos históricos apresentados na obra. Entendemos que devido a ficcionalização daqueles documentos históricos que carregam opiniões divergentes a respeito de Grace, isso acaba por criar diversas identidades para a personagem no texto literário. Desse modo, podemos ver a Grace ingênua, demoníaca, inocente, culpada, sã e insana. Percebemos que a personagem entendeu o modo como as pessoas que visavam a sua libertação da prisão esperavam que ela fosse e agisse, então adotara essa nova identidade como forma de conseguir sua libertação da prisão.

No terceiro capítulo fizemos a apresentação das principais teorias de Judith Butler de modo a verificar sua presença na obra literária e ao mesmo tempo buscamos entender quais os principais papéis de gênero da mulher no século XIX. A discussão, nos permitiu constatar que Atwood apresenta, em sua obra, muitos trechos que estão em conformidade com as teorias de Butler referentes ao sexo e gênero bem como do seu conceito de performance. Em vista disso, tanto o sexo como o gênero são apresentados na obra como sendo resultados do meio social, estão constantemente sendo transformados pelo processo chamado de “performance” que diz que o gênero é construído socialmente através das vivências, onde o discurso desempenha papel fundamental nesse processo. Rompe-se assim, com o binarismo sexo e gênero, ou

seja, não é mais o sexo que define o gênero, ambos são definidos socialmente e culturalmente. Simultaneamente a essas constatações, pudemos entender que alguns dos principais papéis do gênero feminino na sociedade patriarcal do século XIX era cuidar das tarefas do lar, ela almejava o casamento como forma de ascensão econômica.

Retomando a questão problema deste trabalho que era entender como a loucura feminina era vista pela sociedade canadense do século XIX através da relação entre literatura e história. Através da comparação entre literatura e história, pudemos entender que o modo de perceber a loucura feminina tinha uma forte relação com as questões de gênero, assunto que foi discutido no capítulo anterior ao da análise da loucura. Tal relação entre loucura e papéis de gênero era reforçada pelo sistema patriarcal que fazendo uso do seu discurso dominante ditava o modo de agir, vestir, pensar, bem como as atividades a serem desempenhadas pela mulher na sociedade. A partir de então, estava ditado os papéis do gênero feminino, e todas as mulheres que ousassem desobedece-los estaria indo contra a própria natureza feminina e por isso elas poderiam facilmente ser julgadas insanas ou como sendo portadoras de algum tipo de doença mental.

A mulher era tida como fisicamente e mentalmente inferior ao homem, tal pensamento ajudava a fortalecer os papéis de gênero estabelecidos pela sociedade patriarcal, já que a mulher era tida como sexo frágil, ela deveria então realizar atividades considerada mais leves como aquelas ligadas a esfera doméstica a fim de não comprometer seu corpo e mente, deste modo ela estaria afastando as chances de desenvolver qualquer tipo doença mental.

Assim, comprovamos a primeira hipótese deste trabalho que trata da possível influência das questões gênero para o diagnóstico da loucura da mulher. Assim como a segunda hipótese que ao considerar a mulher como sendo biologicamente mais fraca do que o homem, ele teria uma predisposição maior ao desenvolvimento de doenças mentais.

Em paralelo as conquistas acima, também pudemos captar uma visão geral a respeito das principais doenças diagnosticadas no sexo feminino, que por atingirem principalmente a mulher, ajudavam a consumir sua inferioridade física e mental. Pudemos perceber a tendência em usar as técnicas da hipnose com o propósito de tratar a histeria nas últimas décadas do século XIX. Considerando que o diagnóstico da loucura não era tão preciso, já que era baseada em um comportamento

inapropriado, considero anormal pela sociedade em geral, uma pessoa, principalmente a mulher, poderia ser dada louca por diferentes motivos e razões.

As constatações acima nos comprovam que Margaret Atwood, ao escrever esta narrativa, levou em consideração o conhecimento médico-científico relativo a natureza da loucura bem como o papel da mulher do século XIX. Isso pode ser inferido através das várias relações estabelecidas entre os elementos da obra com seus respaldos históricos. Pudemos concluir que é possível entender muito da história através do estudo de textos literários e vice-versa. No entanto, essa não é uma tarefa tão simples, tendo em vista que é preciso ter um amplo conhecimento do contexto histórico e um bom entendimento do texto literário a fim de analisá-los, e assim comprovar a veracidade das informações.

Este trabalho instrui a respeito dos antigos preceitos da loucura feminina ao mesmo tempo que mostra as consequências desses preceitos no âmbito social. Ele contribui para um entendimento maior de uma parcela da história humana, aquela do século XIX. Deste modo, esta pesquisa pode ser uma valiosa fonte de estudo para futuras pesquisas que buscam analisar as questões de insanidade mental do período histórico em questão, assim como aqueles que buscam analisar a insanidade mental na atualidade, uma vez que o conhecimento da história constitui parte fundamental para nos nortearmos no presente.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **Alias Grace**. New York: Anchor Books, 1996.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1949.

_____. _____. Trad. Sérgio Milliet. 2. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter**: On The Discursive Limits Of Sex. Nova York; Londres: Routledge, 1993.

CIAMPA, A.C. **Identidade**. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Trad. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na idade clássica**. Trad. José Teixeira. São Paulo: Perspectiva S. A., 1978.

_____. **A constituição histórica da doença mental**. In: _____. **Doença mental e psicologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 71-99.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2009.

JESUS, M. S.; SACRAMENTO, S. P. **A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas**. Vol.3, Nº3. Santa Cruz. Revista Café com Sociologia. set./dez. de 2014. p. 189-206.

MEDONÇA, C. V.; ALVES, G. S. **Da alegria e angústia de diluir fronteiras**: o diálogo entre a história e literatura. In: Revista Cantareira; v. 4. 2009.

SUGARS, C. C.; MOSS, L. F. E. **Canadian Literature in English**: Texts and Contexts. Toronto: Longman, 2009.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1983.

SITES:

ASSIS, G. L.; CRUZ, M. S. Desconstruindo a história: Hayden White e a escrita da narrativa. **Mosaico**, Mato Grosso, v. 3, p.111-118, 2010. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/viewFile/1837/1141>>. Acesso em: 17 de jun. 2014.

BORGE, V. R. História e literatura: algumas considerações. **Teoria da História**, Goiás, p.94-108, 03 jun. 2010. Disponível em: <https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2016.

BRAGA, J. P. Entre dois mundos: A loucura feminina nos romances A louca de Serrano, de Dina Salústio, e O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane. 2013. 139 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-10032014-104439/pt-br.php>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

BIOGRAPHY.COM EDITORS. Margaret Atwood Biography. 201-?. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/margaret-atwood-9191928>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

FARIA, E.; SOUSA, V. L. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre a formação de professores. **Sciello**, V. 15, n. 1, Maringá, jan/jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004> Acesso em 10 julho 2015.

HARPER, L. A. They had no key that would fit my mouth: women's struggles with cultural constructions of madness in Victorian and modern England and America. 2014. 183 f. Tese (Doutorado) - Curso de Philosophy, University Of Louisville, Louisville, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18297/etd/576>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

MONTEIRO, M. C. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. **Fragmentos**, vol. 8, n.1, p. 61-71, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6038/5608>> Acesso em: 23 jul. 2015.

MACHADO, J. S. A. Gênero sem razão: mulheres e loucura no sertão Norte Mineiro. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp115728.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

MORESI, E. (org.) Metodologia da pesquisa. 2003, p.106. Disponível em: <http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1370886616.pdf> Acesso em: 17 maio 2015.

PERROT, A. C. Do real ao ficcional: a loucura e suas representações em Machado de Assis. 2001. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-

graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2714>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

SILVA, V. N. S. Equilíbrio distante: A mulher, a medicina mental e o asilo. Bahia (1874-1912). 2005. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/10869>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SILVA, Debora. A Era Vitoriana. 2014. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/era-vitoriana/>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

SILVEIRA, L. C.; BRAGA, V. A. Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental. Latino-am Enfermagem, [S.l.], p.591-5, jul.- ago., 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000400019&script=sci_arttext > Acesso em: 01 fev. 2015.

STEELE, K; BRISLEN, J. Women in 19th century America. Disponível em: <<http://womeninushistory.tripod.com/>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

The Body You Want: Liz Kotz interviews Judith Butler. Artforum, 31(3),1992, 82-89. Disponível em: <<http://www.mariabuszek.com/kcai/PoMoSeminar/Readings/KotzButler.pdf>> Acesso em 23 mar. 2016.